



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E CIÊNCIAS
SOCIAIS – FAJS

JOÃO MATHEUS RIBEIRO COSTA DE BRITTO

“A HORA MAIS ESCURA”: A MULHER, A DEFESA E A SEGURANÇA NAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.

BRASÍLIA

2016

JOÃO MATHEUS RIBEIRO COSTA DE BRITTO

**“A HORA MAIS ESCURA”: A MULHER, A DEFESA E A SEGURANÇA NAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.**

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de Bacharelado em
Relações Internacionais pela Faculdade de
Ciências Jurídicas e Ciências Sociais do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientador: Prof. Me. Gabriel Mattos Fonteles

BRASÍLIA

2016

JOÃO MATHEUS RIBEIRO COSTA DE BRITTO

**“A HORA MAIS ESCURA”: A MULHER, A DEFESA E A SEGURANÇA NAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.**

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de Bacharelado em
Relações Internacionais pela Faculdade de
Ciências Jurídicas e Ciências Sociais do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientador: Prof. Gabriel Mattos Fonteles

Brasília, outubro de 2016

Prof. Gabriel Mattos Fonteles

Orientador

Prof.
Examinador

Prof.
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao meu orientador pela parceria, paciência e compreensão durante todo o processo de criação. Agradeço, além disso, pela dedicação e o respeito ao meu trabalho, e pelo incentivo a torná-lo melhor em todos os aspectos a cada correção.

Ademais, não poderia deixar de agradecer a todas as mulheres que influenciaram meu estudo a respeito do feminismo, cada uma de sua forma. Agradeço às minhas avós que, apesar de toda a exploração sofrida durante suas vidas apenas por estarem na condição social de “mulher”, não permitiram convencerem-se de sua suposta fragilidade, e transformaram as adversidades encontradas em seus longos caminhos em sabedoria invejável. Agradeço às minhas tias, todas elas, por serem as únicas e verdadeiras inspirações da minha infância, por me ensinarem muito mais sobre independência, sucesso e felicidade do que qualquer outro homem já o fez. Às minhas primas, as quais são “primas” apenas pela disposição familiar, afinal são e sempre serão as irmãs que fizeram da minha infância a inigualável memória que hoje ela é. Agradeço, como óbvio, minha mãe, pelo extremo respeito para com as mulheres que fez questão de incluir na minha criação desde muito cedo.

Agradeço também a todas as mulheres que a vida me apresentou e que tornaram-se influências na minha evolução como ser humano. Meus mais sinceros agradecimentos a todas as professoras que se dedicaram à minha educação com dedicam-se a dos próprios filhos, e por mostrarem a desenvoltura com a qual uma profissional mulher sustenta sua vida dupla. Agradeço Raquel, por me acompanhar desde a adolescência e me ajudar muito, através de nossa inabalável amizade, a compreender a verdade do que é ser mulher numa sociedade patriarcal. Agradeço Grazielle, pela forma admirável e descontraída a qual me apresentou a força e determinação da mulher brasileira. Agradeço Bianca, por ter me mostrado a coragem da mulher frente a qualquer homem que de alguma forma tentasse subjugá-la, e pelos infinitos debates sobre meu tema. Agradeço, por fim, Leticia, por mostrar-se aos poucos a mulher mais incrível que já conheci, e por me ensinar um amor traduzido em independência, que reafirma a imediata urgência do direito da mulher à igualdade social.

RESUMO

O presente trabalho apresenta-se como o estudo analítico de uma obra cinematográfica através da teoria feminista das Relações Internacionais. A obra escolhida é o filme de 2012 “A Hora Mais Escura”, dirigido por Kathryn Bigelow, primeira mulher a vencer o Oscar de Melhor Direção na história do cinema. A pesquisa busca a identificação de estereótipos hollywoodianos de representação feminina nas personagens apresentadas durante o filme e sua proximidade com a realidade das mulheres inseridas no processo de tomada de decisões das relações internacionais. A análise preocupa-se também com os posicionamentos das personagens e sua relação com os conceitos de empoderamento, bem como da forma a qual é executado tal poder. O trabalho propõe-se a relacionar as mensagens encontradas na representação feminina com a teoria escolhida, através da interpretação dos signos presentes na obra. Por tratar-se de um filme concebido por uma mulher, a análise encontra elementos que denunciem diferenças em relação à forma hollywoodiana tradicional de se fazer cinema.

Palavras-chave: Relações Internacionais. Mulher. Feminismo. Kathryn Bigelow.

ABSTRACT

The following work presents itself as an analysis of a film through the International Relations Feminist theory. The chosen movie is the 2012 “Zero Dark Thirty”, directed by Kathryn Bigelow, who was the first woman to win the Oscar for Best Director in the history of cinema. This research seeks to identify Hollywood stereotypes of female representation in the characters presented during the film and the proximity to the reality of women inserted in the decision-making processes at the international relations area. The analysis is also concerned with the positions in which the characters are represented, and their relation with the concepts of empowerment, as well as the form such power is executed. The present work proposes itself to relate the messages found in the representation of females with the chosen theory, through the interpretation of the movie signs. Because it is a movie directed by a woman, the analysis finds elements that show a difference between this movie and the form of making traditional Hollywood movies.

Keywords: International Relations. Women. Feminism. Kathryn Bigelow.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O FEMINISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	9
1.1 O surgimento do Feminismo nas Relações Internacionais e suas críticas.....	9
1.2 As várias perspectivas do feminismo.....	12
1.3. Tickner: Feminismo, segurança e defesa.....	18
2. A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	25
2.1 A criação de soldados e vítimas.....	26
2.2 A mulher e a segurança internacional.....	29
2.3 Representatividade feminina e masculinização.....	33
3. O FILME “A HORA MAIS ESCURA”	36
3.1 Bigelow e o Feminismo.....	36
3.2 A Hora Mais Escura.....	39
3.3 Conclusão da análise fílmica.....	50
CONCLUSÃO	54
REFERENCIAS	59

INTRODUÇÃO

Por representar a mulher numa posição de poder nas Relações Internacionais (RI), e por ser dirigido pela primeira mulher a vencer o Oscar de Melhor Direção na história da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, o filme “A Hora Mais Escura” (Kathryn Bigelow, 2012) apresenta-se como um excelente material para análise fílmica e para o reconhecimento de congruências com ideias expostas nas RI, bem como uma possível obra crítica que busca expor ao público uma nova forma de se enxergar o papel do feminino na execução da política mundial.

O trabalho inicia-se sintetizando três das mais proeminentes interpretações teóricas do feminismo, sendo essas as variações Liberal, Radical e Pós-Moderna. Após buscar no debate entre elas a melhor variação a ser aplicada a fim da busca por maior eficácia da análise, há um estudo sobre a inclusão e representatividade feminina na realidade militar dos Estados Unidos. Agrega-se a essa análise os aspectos sociais da busca pela igualdade do valor das mulheres no desenvolvimento de política internacional, e também no aumento de sua participação nos processos das ciências sociais e na sociedade em si.

Por fim, há a análise do filme como produto cultural, bem com de seu valor simbólico. Através da interpretação dos signos presentes na obra, o estudo buscará no filme congruências com a realidade da mulher quando inserida nas relações internacionais. Haverá, também, a busca por estereótipos de gênero muito comumente apresentados em obras hollywoodianas, e para tal, o uso metodológico do Teste de Bechdel. Dessa forma, busca-se entender se o filme desenvolve-se de forma crítica ao tratamento dado a uma mulher em posição de poder dentro do âmbito da tomada de decisão na política mundial, ou se é apenas mais uma obra que não pretende e/ou não apresenta uma ruptura com os moldes tradicionais de se fazer cinema, representando em suas cenas a forma também tradicional e patriarcal de se fazer relações internacionais.

A análise desenvolvida buscará encontrar através dos diálogos, cenas e também do próprio enredo do filme, pistas de alguma forma alternativa de representação feminina no cinema, que vá de encontro com as ideias defendidas por J. Ann Tickner, para que juntas apresentem ou não um novo símbolo da participação feminina nas políticas de defesa e segurança internacional. O trabalho busca concluir, também, se há algum tipo de crítica à forma a qual a mulher é vista e retratada no âmbito da tomada de decisão do mundo internacional, ou se o filme apresenta-se apenas como mais uma obra que reforça a influência do patriarcado na sociedade, na indústria do cinema e também nas relações internacionais.

1. O FEMINISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

1.1 O surgimento do feminismo nas Relações Internacionais e suas críticas.

Como consequência de duas guerras mundiais no início do século XX, foi fundada a disciplina de Relações Internacionais a fim de iniciar uma busca por explicações para as causas da guerra e formas de evitá-la. Após a Segunda Guerra Mundial, durante o período da Guerra Fria, a preocupação maior dessa disciplina era a segurança nacional com foco na rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética. Dessa forma, a teoria realista das Relações Internacionais, que versava sobre política de poder através do militarismo e da preocupação com a segurança nacional, ganhou mais espaço e notoriedade dentro da área. Foi com o enfraquecimento desse arranjo internacional e com o fim iminente da Guerra Fria que surgiu um vácuo de explicações sobre o novo ordenamento mundial, e com eles várias formas de compreender o sistema internacional que fugiam do padrão teórico clássico das Relações Internacionais começaram a clamar pro espaço. Os estudos do sistema internacional no pós Guerra Fria tinham, em sua maioria, o foco em políticas ambientais, migratórias, democráticas e de direitos humanos (THORBURN, 2000). Dentro dessas várias, encontra-se a teoria feminista das Relações Internacionais, que buscava também dentro desse novo ramo da ciência social uma maior participação e representação feminina nos debates e nas tomadas de decisão.

A emergência das abordagens feministas nas Relações Internacionais pode ter diversas origens. Como primeira evidência, encontra-se o movimento feminista internacional do início dos anos 70, que dominou o ramo acadêmico e também a sociedade, gerando o marco da primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres na Cidade do México em 1975. Todo o desenvolvimento que se sucedeu é visível na ideia da Década da Mulher surgida de tal Conferência, pretendendo promover direitos e oportunidades iguais para mulheres ao redor do globo. Adiciona-se a isso a observação de movimentos como o *Woman in Development* (WID) e *Gender and Development* (GAD)¹, responsáveis pelo processo acadêmico e político de pesquisa sobre as relações de poder e de gênero (THORBURN, 2000). Foi também perceptível o aumento do envolvimento feminino na política internacional, uma vez que a própria década da mulher garantiu maior participação feminina de atuação nas relações

¹ O WID e GAD são abordagens que buscam estudar o papel do feminino na sociedade, bem como sua diferença do masculino e a relações de subordinação existente entre eles.

internacionais, iniciando um processo de redefinição de papéis sociais com o aumento de sua participação pública e política. Como consequência, a percepção da pouca ou nenhuma contribuição da mulher na formação do Estado ficou em evidência, o que incentivou o questionamento de legislações que diziam respeito exclusivamente ao feminino – gravidez e parto, sexualidade e reprodução – cujo controle era e sempre fora masculino, e também da participação feminina nos processos democráticos, uma vez que poucos representavam seus reais interesses (TICKNER, 2001).

O feminismo nas Relações Internacionais seguiu a mesma tendência do movimento nos demais níveis das ciências sociais, não abandonando as características que o acompanham desde suas primeiras manifestações. Como explicitado a seguir, o feminismo surgiu com a finalidade de expor a vontade de participação nas decisões sociais que era crescente em meio as mulheres, vontade essa encontrada na busca pelo direito ao voto, o que marcou o embrião dessa escola de pensamento:

[...] a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX , quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. (PINTO, 2010, p. 15).

A fim de resolver as questões surgidas com essas novas visões de mundo, as teorias feministas que lentamente surgiam possuíam o objetivo de destrinchar os componentes do que é de fato a ciência social e os reestruturar na busca do conceito de Relações Internacionais. Realocar os componentes individuais em grupos teria como resultado um estudo impregnado de vieses de gênero. Daí percebeu-se que a visão feminista de conceitos como o Estado, a guerra e a segurança possuíam profundas diferenças aos conceitos androcêntricos responsáveis pelas principais correntes das Relações Internacionais. Ao mesmo tempo, surgiram conclusões que sugeriam a impossibilidade de uma voz única que representasse toda a política internacional, já que muitos desses estudos levavam em consideração o fator diversidade dentro de sua própria ideologia (THORBURN, 2000). A busca pelo conceito de gênero sempre foi o ponto de partida das ideias provindas do pensamento feminista, embora essa tenha sido uma busca de difícil conclusão.

Partindo do conceito de gênero como a referência ao complexo de construções sociais e comportamentos que diferem o masculino do feminino, foram inauguradas várias correntes dentro do próprio feminismo das Relações Internacionais (RI). É fundamental a esse discurso a compreensão da dinâmica de poder entre os gêneros, bem como conceitos sociais como a subordinação feminina em relação ao patriarcado. Tal subordinação feminina é pautada em

termos de poder e dominação, baseados na ideia do comando do masculino e da obediência do feminino, como sugere Bourdieu, por exemplo. Com esse ponto em mente, o feminismo nas RI analisa não só a relação de poder envolvendo homens e mulheres, mas também como esse poder é exercido, e como essa interação tem sido socialmente e historicamente implementada, sendo visível não só nos âmbitos internos das sociedades, mas também na extensão internacional que têm como seus principais atores, tais quais diplomatas, políticos, chefes de Estado e acadêmicos, homens de origens políticas e sociais baseadas na lógica patriarcal (TICKNER, 2001). Para evitar esse mesmo embasamento patriarcal o próprio método de se fazer teorias feministas pretende ser diferente dos demais, afinal estes podem ser considerados opressores pela sua normatividade não analítica, que torna o processo de construção do conhecimento um processo baseado em aceitações de ideias pré-concebidas do que é um “padrão normal” e o desenvolvimento de suposições já reconhecidas como verdade. Dessa forma, a produção teórica já vigente influencia o que pretende ser a nova mesmo que essa procure criticá-la ou confirmá-la, e na delimita o que é o conhecimento e de que forma esse deve ser constituído para ser efetivamente aceito como tal. A partir daí percebe-se que não é possível trazer uma alternativa a opressão através do mesmo método opressor que se pretende abandonar. Um exemplo da diferença entre a perspectiva clássica das RI e a corrente feminista é o estudo das taxa de estupros em tempos de guerra, que se apresentam em níveis exorbitantemente maiores e acusam que as políticas de segurança do Estado investem em cenários onde há muito menos segurança de fato (TICKNER, 2001). A Guerra da Bósnia, por exemplo, é um evento da história muito estudado através do viés realista do nacionalismo e da polarização criada na Guerra Fria. Andréa Carolina Peres, no entanto, apresenta dados referentes aos incidentes de estupro constantes durante essa guerra. Ainda na introdução de seu texto “Campos de Estupro: as mulheres e a guerra da Bósnia” (2011), Peres escreve:

Nos campos de estupro, geralmente escolas, armazéns, ginásios, hotéis, as mulheres – principalmente as bosniaquinas (muçulmanas bósnias) – eram obrigadas a ter relações sexuais com mais de um soldado e várias vezes. Algumas ficavam presas durante meses até engravidarem e não poderem mais abortar. Em termos numéricos, calcula-se que cerca de vinte mil mulheres muçulmanas e croatas foram estupradas durante a guerra. (PERES, 2011, p. 119).

O excerto acima ainda acusa um sentimento xenofóbico provindo da rivalidade nos conflitos, mais um exemplo da insegurança inaugurada com tais políticas. Esse tipo de violência, porém, nunca entraria no foco das RI. A conclusão dessa observação nos sugere que os tópicos de segurança de uma nação não deveriam focar na segurança externa contra ataques e invasões exclusivamente, mas sim na violência interna entre seus cidadãos, como a

violência doméstica e o estupro. Também nesse estudo é perceptível que a demasiada preocupação com as políticas de segurança marginalizam problemas como o tráfico de mulheres para fins de prostituição, que pode ser considerado uma sequela do realismo ao ignorar o papel do indivíduo nas relações internacionais. Se incluídos os pontos de vista femininos, a política internacional poderia sofrer benéficas mudanças. O próprio questionamento da forma como o realismo explica o poder é pertinente: por que o poder é visto como acúmulo de supremacia militar e econômica, e não como liderança em tratados de paz, ou no acúmulo de relações transnacionais de cooperação? (TICKNER, 2001).

Apesar da menção à cooperação sugerir um flerte com ideias liberais, a perspectiva feminista critica também essa corrente de pensamento. A crítica consiste na dinâmica do defendido “mercado livre” que pode ser extremamente injusto num mundo onde há diferenças entre as economias que fazem parte das trocas. Um ponto adicional a esse, também trazido pela perspectiva feminista, é a realidade econômica onde as mulheres possuem um por cento dos recursos e propriedades do mundo enquanto são responsáveis por 60 por cento do trabalho. Elas também são a maioria dos refugiados, analfabetos e a maior parcela de indivíduos pobres (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2016). Isso supõe que o capitalismo defendido pelos liberais também tem uma base patriarcal e marginaliza a posição da mulher no sistema internacional, bem como sua participação na economia ao ignorar os trabalhos domésticos femininos por não gerarem rendimentos. Apesar de tais críticas, o feminismo possui congruências com seus ideais de supremacia do indivíduo, e se beneficia das instituições defendidas pelo liberalismo, como por exemplo, a indicação de que na atualidade há um “maior compromisso das organizações governamentais e internacionais em torno das metas a alcançar; reconhecimento social do trabalho e reivindicações feministas” (SCAVONE, 2003, p. 193).

1.2 As várias perspectivas do Feminismo

Para uma determinada corrente do feminismo, os ideias de “liberdade” seguem um caminho diferente dos ideais “liberais”. O Feminismo Liberal tem como seu principal argumento a exclusão das mulheres na esfera da vida moderna social, política e econômica. Essa perspectiva procura incorporar as mulheres dentro do padrão social contemporâneo, enquanto examina a falta de representação e de atividades femininas nas áreas tradicionais das RI (BECKMAN; DAMICO, 1994). Outra busca do feminismo liberal é por maneiras de vencer as barreiras que impedem a sua participação na formulação de um paradigma

internacional. O processo clássico de socialização das mulheres serve para explicar a baixa participação delas nas tomadas de decisão políticas. Os padrões sociais impõem as mulheres comportamentos e ambições que as distanciam do sucesso nas carreiras internacionais. Muitas mulheres nas Nações Unidas, por exemplo, têm uma carreira menos promissora e menos ambiciosa por terem nutrido no âmbito interno de seus países de origem ideias de que são menos adequadas para seu trabalho (MENDES, 2012). Isso pode ser resultado da baixa representatividade feminina no órgão, que tem como consequência a também baixa influência nas mulheres para que participem dos processos da organização ou ingressem nessa carreira, como exposto abaixo:

O Secretariado da ONU estabeleceu uma meta de presença de 25% de mulheres, a qual não foi cumprida ainda. Para as posições de liderança o quadro é ainda mais crítico, já que, uma vez que as mulheres já são subrepresentadas dentro de seus próprios estados, isso se refletirá de forma ainda mais marcante na atuação da elite no plano internacional. A concentração maior de mulheres nas Nações Unidas está entre os níveis mais baixos de pessoal. (MENDES, 2011, p.16).

Soma-se a isso a ocorrência comum e socialmente construída como “natural” de terem que lidar com turnos duplos de trabalho, dividindo-se entre suas carreiras na organização e sua vida como mães e donas de casa. A principal justificativa para a exclusão feminina dos processos de formulação de políticas internacionais, no entanto, é sistêmica (MENDES, 2011). O sistema internacional oferece às mulheres a discriminação de homens em posições de autoridade, e a impossibilidade de conseguir trabalho ou se quer treinamento para ingressar em altos escalões saturados da presença masculina. Percebe-se então que “Na confrontação entre Homem e Mulher nas relações sociais, fossem na esfera doméstica ou no público, as vantagens todas, segundo os valores dominantes da sociedade individualista, competitiva e monetarizada, pareciam ser dos Homens” (GRIFFIN, 2005, p. 48). Com isso em mente, dentro da mais alta classe de participantes da formulação paradigmática das relações internacionais, se há mulheres bem sucedidas, são aquelas que precisaram trabalhar muito mais que seus colegas homens para conseguir o reconhecimento necessário que lhes rendeu aquela oportunidade, uma vez que reconhece-se que elas possuem de início menos vantagens que os homens. O Feminismo Liberal apresenta alternativas de mudança que são tanto macro quanto microsociais. Elas incluem uma mudança de atitude e comportamento social em escopo mundial, para um maior reconhecimento do feminino dentro das sociedades, como também uma mudança nas oportunidades de carreiras e de educação na área concedidas às mulheres, ou a simples divisão igualitária do trabalho doméstico dentro das próprias casas (BECKMAN; DAMICO, 1994).

Muito é feito a favor das mulheres pelo feminismo liberal, mas alguns problemas são observados na forma com a qual essa corrente procura abordar os problemas e as soluções que propõe para eles. Um problema grave é tentar "trazer as mulheres" para os debates de política mundial, pressupondo que elas já não estão presentes nesses. Mesmo em baixíssima quantidade, é importante identificar e enaltecer os trabalhos que já estão em curso por mulheres dentro desse arranjo. Outro ponto falho é a vontade de incluir as mulheres especificamente nos debates padrões das relações internacionais, como segurança e defesa, conflitos, guerra e paz e assim por diante (BECKMAN; DAMICO, 1994). Isso não inaugura uma mudança de paradigma. Trata dos mesmos problemas, sob as mesmas óticas com a mesma linguagem de opressão utilizada pelos que criticam. Não é um novo debate que inclua a maior participação feminina, ou que se preocupe com problemas marginalizados dentro do sistema internacional. É apenas a troca de time dentro do jogo por parte das mulheres, e não a reformulação das regras dele. Essa forma de feminismo propõe a perpetuação do padrão clássico de se fazer relações internacionais, que como já explicado acima provém de um método patriarcal e pretensioso de formulação de ideias. Não há, aqui, uma busca pela emancipação feminina, mas apenas pela inclusão das mulheres nas já fundamentadas discussões de "*high-politics*". Cynthia Enloe, uma das mais reconhecidas autoras do feminismo, vai de encontro com o pensamento liberal em:

Security, moral satisfaction, progress, civilization—all are gendered. Subtract the politics of masculinity and the politics of femininity from one's investigation, and one is likely to produce an unreliable explanation of how empire-building proceeds—or falters. (ENLOE, 2004, p. 304).

Deixando claro que o interesse de seu feminismo deve centrar-se nos debates sobre segurança e na "construção de impérios", temas recorrentes nas teorias clássicas das Relações Internacionais. Por tanto, essa corrente feminista aceita a estrutura de poder que prevalece enquanto a legítima. Infere-se disso que há uma não aceitação das injustiças e desigualdade dentro da política, das relações internacionais, do sistema educacional entre outros. Para essa corrente, quando as mulheres forem representadas dentro das esferas políticas em números que correspondam a sua presença na sociedade e que sejam satisfatórios ao comparados com o número de homens, a igualdade será atingida.

Ainda dentro da forma feminista de pensamento, porém com abordagens e interpretações que variam do liberal, existe o Feminismo Radical. Essa corrente possuiu a dominação masculina e a subordinação feminina como elemento central de sua crítica. Nesse âmbito, homens procuram controlar as mulheres em vários aspectos, desde sua sexualidade e reprodução até seu papel na sociedade em geral. Muitas das formas nas quais a sociedade é

organizada reproduz o patriarcado por serem baseadas em visões de mundo masculinizadas, presentes nas diversas camadas sociais (BECKMAN; DAMICO, 1994). Diferente da forma clássica de pensamento das RI, essa perspectiva argumenta que a visão masculinizada de mundo enfatiza o conflito e negligencia a cooperação. Essa crítica se estende ao fato dos estudiosos da área das Relações Internacionais assumirem que a política internacional é formada através da ideia de interesse nacional defendido pelo poder militar, e que a militarização e a segurança precisam ser o objetivo primário de um Estado. Para os teóricos dessa perspectiva, esse estudo será a salvação da humanidade na era nuclear, explicando que por mulheres serem mais pacíficas e amáveis a guerra perde sua característica comportamental masculina como a seguir:

Feminists working on security issues have articulated a normative “revision” of what security could mean if gender were to be taken seriously. Feminist security theory interrogates the philosophical, academic, and political underpinnings of gendered insecurity and articulates an alternative vision of security. This vision entails revealing gendered hierarchies, eradicating patriarchal structural violence, and working toward the eventual achievement of common security. (BLANCHARD, 2003, p. 1305).

Dessa visão, entendemos que se são os valores masculinos que iniciam guerras, serão os femininos que as finalizarão. Outros escritores afirmam que é biologicamente inevitável que homens sejam mais agressivos, que se preocupem mais com problemas territoriais e que sejam mais hierárquicos que mulheres. Esses usam o sexo e suas características para explicar a dominação masculina, o que torna o homem mais proeminente na tomada de decisões e defesa (algumas vezes agressiva) de seus pontos de vista. Fazendo menção a Bourdieu, Deborah Sayão conclui:

O autor em questão insiste em que há uma divisão sexual quanto às visões do corpo no público e no privado. A primeira visão, mais aberta e/ou abrangente correlata ao masculino, e, a segunda, mais restritiva e limitadora pertencente ao feminino. Na escola, por exemplo, isso é bastante evidente: os espaços amplos, externos, são dominados pelos meninos, enquanto que, na periferia ou nos cantos, encontramos as meninas. Também as formas de olhar, expressar, falar, demonstram uma divisão sexual que vai sendo paulatinamente somatizada a partir das relações de dominação de gênero. Bourdieu exemplifica essas constatações pelo do modo como o falo está sempre presente na vida social, mesmo que de maneira metafórica. (SAYÃO, 2003, p. 133).

Já outros negam qualquer determinismo biológico ao defenderem que garotos criados numa sociedade que desvaloriza o trabalho das mulheres aprendem a desvalorizar as características femininas, e isso inclui o ser pacífico, amável, emotivo e carinhoso visível em suas mães, para tornarem-se diferentes delas investindo num temperamento mais agressivo e com tendências ao conflito (BECKMAN; DAMICO, 1994). Enquanto isso, meninas tendem a

procurar ser mais parecidas com suas mães. Como dito por Sarah Trimble no livro editado por Andrea O'Reilly:

The patriarchal moral of the story is that mothers must “let go” or risk leaving their own fatal mark on their sons’ development; too-close involvement with his mother will keep the boy from fulfilling the imperatives of masculinity and transcending to the universal subject position to which he is entitled (O'REILLY, 2008, p. 181).

Segundo essa ideia, mulheres não só agem levando em conta o carinho maternal, mas, como vítimas do sexismo, compreendem melhor as implicações da guerra e do militarismo. Nesse ponto os feminismos liberal e radical se encontram ao mesmo tempo em que se repelem. O radical e o liberal procuram trazer perspectivas femininas à ideia da guerra, mas somente o feminismo radical quer uma visão mais pacifista das RI (BECKMAN; DAMICO, 1994). Outra característica importante para a compreensão do feminismo radical é perceber a não separação do público em relação ao privado. Essa corrente compreende que o pessoal não se separa do político, e daí sugere que as RI parem de se preocupar apenas com os temas de “*high politics*” como guerra e segurança. O feminismo radical, então, tem outros pressupostos epistemológicos, afinal reconhece que uma teoria é feita para alguém e para algum propósito, e assim a metodologia da ciência social nunca pode ser neutra, e sempre carregará consigo algum viés que precisa ser explícito pelos acadêmicos da área que se propõem a divulgar suas teorias (BECKMAN; DAMICO, 1994).

Assim como o feminismo liberal, no entanto, o feminismo radical é muito criticado em sua forma de enxergar o mundo e propor mudanças. A principal crítica feita a essa corrente é, apesar de defenderem um viés menos focado na guerra e segurança, é exatamente esse o ponto principal da maioria de suas teorias. É verdade que focam nesses estudos de uma maneira mais pessoal e com métodos mais analíticos, porém não se distanciam do parâmetro das RI tradicionais, tornando difícil a sua movimentação (BECKMAN; DAMICO, 1994). Outro problema é a personalidade da mulher proposta, que seria mais carinhosa, pacifista e virtuosa em contraste com um homem agressivo, arrogante e movido pela busca ao poder. A sugestão de esse fato ser imutável e fundamental faz com que a teoria perca sua abrangência mundial e também legitimidade, afinal a explicitação das diferenças internas e naturais entre homem e mulher não trazem perspectivas de transformação no relacionamento entre eles (BECKMAN; DAMICO, 1994). Quanto às feministas radicais que negam tal determinismo biológico é a ideia do relacionamento da maternidade com a criação do temperamento de um ser humano, que parece não variar em relação ao tempo, geografia, cultura, classe, raça ou orientação sexual. Além disso, existe a visão do feminismo radical que ignora pontos

importantes da diferença entre as próprias mulheres que pretendem defender e emancipar com essa teoria. Tal pensamento é explicitado no excerto abaixo:

As abordagens chamadas estudos de gênero nas quais se fundamenta o discurso atual sobre o feminino vêm apontando a fragilidade de conceitos tais como opressão sexual, guerra dos sexos, classe sexual, papéis sexuais. Contra o suposto engano biológico-determinista da teoria feminista anterior, mas também, em certos casos, para evitar a redução ao determinismo econômico do marxismo, defende-se agora que sejam feitas pesquisas específicas sobre o feminino, reconstruindo este objeto a partir de uma multiplicidade de níveis e perspectivas. Deve-se levar em conta os aspectos mais diversos: culturais, literários, sociais, históricos, psicológicos, etc. Além disso, recomenda-se que não se privilegie, como fundamento da opressão feminina, qualquer causalidade única. (BENOIT, 2000, p. 79).

Essa corrente também reproduz a mesma visão estereotípica da diferença entre homem e mulher, masculino e feminino produzida pelo patriarcado, ao colocar a mulher como emocional, passiva e carinhosa e o homem com um ser mais competitivo, agressivo e calculista. Tal ideia falha ao tentar se tornar geral, pois não explica ou representa satisfatoriamente uma série de mulheres que fogem desse padrão, como por exemplo as que são membros de algum exército, assim como ignora e não inclui ao seu estudo a ocorrência de homens mais pacifistas e carinhosos (BECKMAN; DAMICO, 1994).

Por fim, é importante citar a forma de feminismo tida como a mais promissora e revolucionária. O feminismo pós-moderno tem a característica primordial de seguir parâmetros pós-estruturais. Seu ponto de partida é a tentativa de definir o que é efetivamente a “mulher”, ao rejeitar a ideia de que indivíduos tem uma identidade autêntica ou essencial. Argumenta que não é possível definir um indivíduo sem excluir algumas características primordiais a ele, e, dessa maneira, qualquer definição se torna muito restringida em relação à realidade (BECKMAN; DAMICO, 1994). O feminismo pós-moderno critica o feminismo radical por esse rejeitar a definição de mulheres feita pelos homens, mas não o processo de definição. Essa nova corrente também procura desconstruir o conceito de mulher, explorando, desvencilhando e rejeitando a natureza assumida de compreensões e relações particulares. Essa compreensão é útil em vários aspectos, como o da promessa de liberdade feminina, por exemplo, que não envolve qualquer conceito pré-concebido de identidade determinado por homens ou por mulheres. Não existe, assim, uma única “mulher” genérica, de uma classe, raça ou orientação sexual particular que represente toda a pluralidade do feminino, mas a possibilidade de várias mulheres que perpassam por todas essas características (BECKMAN; DAMICO, 1994).

O feminismo pós-moderno teoriza a construção das identidades de gênero frisando as maneiras que os significados são socialmente e convenientemente construídos. Isso permite a possibilidade de existir uma maneira de análise a qual o conhecimento é organizado pelas instituições e pelos próprios discípulos da política internacional. Marilyn Willey escreve:

As explained by Frederick Turner in his essay *Epic Arts*, “One of the major theories of the postmodern movement held that our political, juridical and economic lives were governed by social and cultural “grand narratives” or “master narratives...The disciplines of the arts and crafts, the forces of advertising and popular culture, even the natural sciences, were “social constructions,” reinforcing “logocentric,” “Eurocentric” or “phallogocentric” regimes of power and knowledge.” The task of postmodernists, then, was not to modify or alter the narratives; rather, their mission was the circumlocution or destruction of the narratives entirely. This perpetual process of destruction is a defining aspect of postmodernism: there must always be some other system or structure that needs to be extirpated. (WILLEY, 2014, p. 15).

Apesar disso, sofre críticas quanto a indeterminação do conceito de mulher, pois seguindo seus preceitos não há uma forma racional onde uma alternativa ou visão de ordem mundial alternativa possa ser sugerida para as tentativas de desconstrução. Ao final, no debate pós-moderno feminista, nos deparamos com um conceito de mulher nebuloso demais para ser estudado e para gerar conclusões satisfatórias a afirmação do movimento (BECKMAN; DAMICO, 1994).

1.3 Tickner: Feminismo, segurança e defesa.

Após passar pelas principais formas de feminismo que buscam teorizar e entender o sistema internacional e/ou trazer ao mundo alternativas menos patriarcais para a formulação de políticas internacionais, identifica-se na teoria proposta por J. Ann. Tickner a melhor forma de se compreender o presente trabalho. Tickner é vista como uma “feminista de ponto de vista”, grupo que tem como principal argumento o conhecimento da mulher vir de uma perspectiva que, apesar de marginalizada, tem o potencial de prover introspecções mais completas de política mundial que aquelas que vêm do cerne do debate. Mulheres raramente foram provedoras de segurança, no modo convencional do termo, como soldados que lutam em guerras travadas em nome da própria segurança, ou como os formuladores de política que trabalham para um Estado (TICKNER, 2001).

A entrada de mulheres nos campos de segurança e defesa em números significantes é um evento muito recente dentro das Relações Internacionais. Em Agosto de 1999, as mulheres representavam 14.6% dos envolvidos no Departamento de Segurança dos Estados Unidos e

apenas 5% das quatro mais altas patentes desse departamento, por exemplo (TICKNER, 2001, p.37). Isso não impediu que mulheres escrevessem a respeito de segurança a partir de uma variedade de perspectivas, mas obviamente elas raramente têm suas vozes ouvidas. Dentre as várias razões dadas para a situação de baixa representação e participação feminina nas políticas internacionais militares e de defesa, destaca-se a da socialização das mulheres ter ocorrido afastada dessas atividades. São os garotos que durante a infância recebem influências para brincar com armas, o que os torna mais interessados desde cedo em assuntos como controle armamentista e segurança, e como resultado vemos que esses são, atualmente, "tópicos masculinos". Enquanto isso se assume que defesa e segurança é uma área na qual mulheres não tem muito interesse, principalmente por ser uma área onde possuem baixíssima experiência (TICKNER, 2001). Exatamente por isso, a forma padrão e tradicional das RI expressarem sua perspectivas é muito diferente das perspectivas feministas de segurança e defesa.

Tickner critica toda e qualquer forma clássica de formulação do conhecimento, e uma das maiores críticas que faz é ao neorealismo. Os escritores dessa corrente continuam a escrever sobre segurança mesmo depois da Guerra Fria, mas sem nunca abandonar seus vieses etnocêntricos. Kenneth Waltz, por exemplo, foi criticado pela autora em seu livro *Gendering World Politics* de 2001 por conceber sua teoria com bases na realidade americana de conceito de segurança e defesa, e por ignorar, por exemplo, as mais de 100 guerras relevantes que ocorreram ao sul do mundo desde 1945. Tickner acredita que a explicação para essas guerras é a influência dos estudos do "norte" em defesa e segurança. Muitos desses conflitos do "sul", inclusive, não são transfronteiriços, mas internos aos próprios Estados. Muitas vezes provindos dos problemas de legitimidade com regimes políticos, esses conflitos do sul apesar de influenciados pelas escolas do norte mudam o parâmetro de preocupação com o investimento em defesa, por não surgirem de agressões transnacionais, e contam com apoio internacional. Isso prova que existe dentro também das relações interestatais uma maior valoração para eventualidades de expoentes países "dominantes", o que muito se assemelha com a situação da mulher na sociedade (TICKNER, 2001).

Os estudos feministas em segurança e defesa questionam, em sua maioria, a inadequação do Estado de prover efetiva segurança, como já abordado nesse mesmo capítulo. A característica emancipatória do feminismo, caracterizada pela busca do fim da subordinação feminina, é consistente com uma definição mais ampla de segurança que tem como o indivíduo o seu ponto de partida (TICKNER, 2001). O feminismo busca compreender como a segurança individual e de grupos é ameaçada com a violência em todas as formas,

incluindo as de defesa nacional. Os estudos feministas das RI enxergam a cultura e a identidade como modos cruciais de análise para a melhor compreensão dos problemas de segurança, adotando o gênero como categoria de análise central para o entendimento das desigualdades nas estruturas sociais, que causam impacto na segurança de indivíduos e grupos. Em seu texto, Tricia Ruiz menciona Tickner ao tocar nesse ponto:

For example, Tickner would argue that security, a main topic in IR, should not only be understood as “defending the state from attack,” but should also consider that security for women “might be different because women are more likely to be attacked by men they know, rather than strangers from other states.” In other words, in contrast to traditional IR views that view security as protecting the state from other states, feminists argue the topic of security should address acts of rape and violence, not only from foreign perpetrators, but from their own fellow citizens as well. (RUIZ, 2005, p. 2-3).

Os ideais dessa corrente partem de uma ideia diferente daquela que propõe que a guerra serve para proteger mulheres, crianças e outras categorias “vulneráveis” da sociedade e usam como argumento o impacto das guerras nas mulheres, e também o alto número de baixas civis durante elas. Enquanto nas RI clássicas procura-se entender as causas e consequências da guerra a partir de uma análise que parte de cima para baixo, o feminismo das RI procura identificar esses pontos através da análise do impacto da guerra no nível micro (TICKNER *apud* RUIZ, 2005). Ao fazer dessa forma sua análise, adotando o gênero como categoria, o feminismo espera nos apresentar novos conceitos a respeito das causas das guerra que ainda não foram abordados nas teorias clássicas das RI.

Também há a percepção para a masculinidade do discurso estratégico de defesa e de seu impacto no entendimento dos conceitos de segurança, o que serve de explicação para o fator feminino ser pouco ouvido nas questões de segurança nacional. Também influencia essa disposição a valorização da guerra como um conceito heroico e masculino, que necessariamente depende de um conceito feminino e desvalorizado de paz que é irreal e irrealizável. Mesmo com essa ideia, é preciso reconhecer que as consequências da guerra atingem as mulheres de forma muito mais forte que os homens. As sanções econômicas, por exemplo, trazem muitos malefícios às mães que precisam reger suas casas com menos recursos, e muitas vezes precisam trabalhar mais ou pela primeira vez para conseguir viver após tornarem-se viúvas. Impossível ignorar também o desdobramento da guerra já dito acima, o estupro como uma consequência que atinge quase exclusivamente às mulheres, provando que os ideais de segurança de um Estado não efetivamente asseguram todos (TICKNER, 2001).

Partindo para um lado mais intrínseco às características femininas dentro dos comandos militares, Tickner mostra em seu capítulo *A Critique of Morgentau’s Principles of*

Political Realism, encontrado na obra *Gender and International Relations*, de 2005, exemplo do caso de Jeanne Kirkpatrick, embaixadora dos Estados Unidos nos anos 80 que disse ser “um rato num mundo masculino”, e que falhou em conquistar o respeito de seus colegas homens. Sobre isso, Tickner conclui:

Kirkpatrick’s story could serve to illustrate the discrimination that women often encounter when they rise to high political office. However, the doubts as to whether a woman would be strong enough to press the nuclear button (an issue raised when a tearful Patricia Schroeder was pictures sobbing on her husband’s shoulder as she bowed out of the 1988 U.S. presidential race), suggest that there may be an even more fundamental barrier to woman’s entry into the highest ranks of the military or of foreign policy making. Nuclear strategy, with its vocabulary of power, threat, force and deterrence, has a distinctly masculine ring; moreover, women are stereotypically judged to be lacking in qualities which these terms evoke. It has also been suggested that, although more women are entering the world of public policy, they are more comfortable dealing with domestic issues such as social welfare that are more compatible with their nurturing skills. (TICKNER *apud* GRANT; NEWLAND, 2005, p.15-16).

Fica explícito que a opinião a respeito do papel das mulheres em políticas de defesa e segurança é resultado de estereótipos que buscam se basear numa falsa natureza feminina e que não necessariamente representam a verdade. Com essa conclusão, o feminismo como um todo julga muito difícil que cheguemos a uma base objetiva e universal do conhecimento, afinal acredita que o conhecimento é socialmente construído, tornando assim a linguagem pela qual o conhecimento é passado também parcial. Enquanto julgamos a objetividade uma característica primordial para a formulação de políticas no âmbito de segurança, essa característica é associada ao masculino, como a separação do “eu” do “outro”, por um processo de produção de uma visão de mundo que torna a objetividade associada ao poder e à dominação (TICKNER *apud* GRANT; NEWLAND, 2005).

Ainda sobre a objetividade e a subjetividade e valoração de conceitos humanos, Tickner traz a crítica a Morgenthau no mesmo capítulo citado acima por, em sua teoria realista, sugerir que a moral não rege os comportamentos dos Estados. Ele e sugere ainda que os que seguem os preceitos morais tendem a ter menos sucesso no sistema internacional, afinal ser amoral não é só aceitável dentro do sistema anárquico internacional, mas também prudente. Dessa forma, ele ignora o fator subjetivo do Estado, uma vez que este é constituído por pessoas que tem suas subjetividades e sofrem influências morais de acordo com o que acreditam. Como o sistema internacional é visto através de uma lógica Hobbesiana na teoria de Morgenthau, muitas feministas se perguntam qual seria o papel da mulher na teoria de Hobbes. Muito provavelmente, Tickner conclui ainda em seu capítulo crítico a Morgenthau (GRANT; NEWLAND, 2005), a função das mulheres encontra-se na reprodução e criação dos filhos e não na guerra, para que a sociedade sobreviva a mais de uma geração. Ainda

dentro da teoria Hobbesiana, contudo, Tickner infere que se levado em consideração o fato das mulheres serem socializadas através de um modelo de pensamento que é contextual e narrativo e não formal e abstrato, há uma tendência por elas a enxergar conflitos através de uma ótica contextual e não através de termos abstratos. Nesse caso, a importância da participação feminina nas políticas de defesa e segurança é pautada pela sua visão diferenciada, afinal se a forma com a qual descrevemos a realidade tem efeito nas maneiras que percebemos e agimos em nosso ambiente, novas perspectivas podem nos levar a ações alternativas (GRANT; NEWLAND, 2005).

Outro ponto abordado por Tickner quando em relação a esse tema, são os conceitos de poder. Os encontrados nos textos escritos por mulheres, mesmo levando em conta que essas tenham pouquíssimo em comum, sempre fogem da ideia realista de dominação e sugerem algo mais ligado à expressão de energia, capacidade e potencial. O conceito de poder para Hannah Arendt, por exemplo, é visto como um exemplo de definição feminina de poder, que sugere que este concerne ações conectadas a outros com preocupações similares, o que torna o conceito feminino de poder algo de características mais compartilháveis do que egoísticas.

O argumento da dominação e subordinação defende que como as mulheres tiveram pouco acesso aos métodos de coerção, elas então estão mais aptas a enxergar o poder através da persuasão (TICKNER apud GRANT; NEWLAND, 2005). A simples aceitação dessa ideia, sem nem mesmo a inclusão total das propostas do feminismo e com a simples inclusão de mais mulheres nos processos de formulação de políticas como solução proposta pelo feminismo liberal, agrega mais sucesso às políticas de defesa, afinal pensar o poder em sentidos multidimensionais ajuda na compreensão de eventos como a cooperação e o conflito (TICKNER apud GRANT; NEWLAND, 2005). Tradicionalmente no ocidente, segurança nacional está ligado à força militar e à proteção física da nação-estado de ameaças externas. Mas atualmente essa ideia cai numa lógica de interdependência, uma vez que as armas de defesa nacional quando usadas causam danos ao alvo, mas também aos atiradores. Confiar na segurança nacional baseada na guerra e na detenção dos armamentos mais evoluídos não parece mais algo útil (TICKNER apud GRANT; NEWLAND, 2005).

Uma visão feminista sugere que a segurança nacional pode estar atrelada, por exemplo, à satisfação das necessidades materiais básicas, já que essas influenciam na expectativa e na qualidade de vida do ser humano. Tickner explicita argumentos que defendem que sofrer com uma baixa expectativa de vida por virtude do lugar de nascimento pode ser tão violento ou mais que a guerra. Nesse âmbito, pensar sobre o papel da mulher em desenvolvimento e a maneira com a qual podemos definir desenvolvimento, satisfação de

necessidades básicas e qualidade de vida são tópicos que merecem mais atenção na agenda internacional. Um bom exemplo de preocupação em relação ao desenvolvimento é o pensamento de interdependência entre economia, militarismo e ambientalismo como defendido pelas teorias feministas. Pensar tais elementos como interdependentes pode trazer novas formas de resolução de conflitos que tornem possível que surjam benefícios mútuos desse fim. Uma dessas formas pode partir do “pensamento maternal” inerente às mulheres, que visa a preservação da vida, que busca resolver o conflito mantendo a tranquilidade e a não violência. Essa resolução não violenta de conflitos é muito utilizada para a esfera doméstica, mas na pública é considerada desviada da realidade. Achar um ponto humanitário comum entre os dois lados do conflito pode incentivar o pensamento maternal, e foi exatamente assim que conflitos nucleares foram evitados na história da humanidade. Investir na desumanidade do inimigo sempre foi uma estratégia do Estado, mas em tempos de armamentos de destruição em massa esse pensamento pode ser fatal (TICKNER, apud GRANT; NEWLAND, 2005).

Novos estudos concluíram que meninas toleram menos as situações de conflito, e por isso tendem a optar por brincadeiras e jogos onde o sucesso de um não necessariamente significa o fracasso do outro (TICKNER, 2001). Com essas conclusões pode-se pensar que a socialização das mulheres é feita de forma tal que há influência a pensar em métodos diferentes de resolução de conflitos, e que esse comportamento pode ser útil se levado ao âmbito internacional. Soma-se a isso o fato da perspectiva feminista enxergar o comportamento humano com evidência no indivíduo, e esse indivíduo como uma parte da ordem social agindo dentro dela e não sobre ela. Essa perspectiva também abarca a diversidade cultural ao mesmo tempo em que reconhece uma crescente interdependência que faz do pensamento excludente do sistema de estados nação anacrônico. Por fim, Tickner nos informa que o feminismo procura uma visão em direção ao reconhecimento do outro como um objeto subjetivo que tem visões legitimadas assim como as nossas. Infelizmente, não é essa a visão recorrente na história das RI. Geralmente, no feminismo não se gosta da dicotomização e do distanciamento subjetivo do objetivo, ou do pensamento abstrato que distancia o “nós” do “deles”, uma atitude característica das RI. O feminismo procura epistemologias que valorizam a ambiguidade e a diferença, já que são essas as qualidades que nos ajudariam a começar a construção de uma teoria das RI mais humana e sem gênero, e que contenha elementos dos pensamentos feminino e masculino.

Por ser o braço da teoria feminista que aborda a participação feminina nas políticas de defesa e segurança na RI, a teoria de Tickner é a mais apropriada para o estudo a ser realizado nesse trabalho, que pretende analisar a participação feminina na política externa dos Estados

Unidos, principalmente aplicada a missões de segurança com embasamento no interesse nacional.

2. A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Após a exposição das diversas formas de se enxergar a demanda feminista no sistema internacional, e também da escolha de uma delas como lente teórica sob a qual deve ser desenvolvido o presente trabalho, surge como próximo passo a análise da participação feminina nas políticas de defesa e segurança, ramo das RI que mais se desenvolveu no decorrer do século passado. É importante chamar atenção para esse ponto quando busca-se compreender através do filme escolhido para a análise a participação feminina nas Relações Internacionais.

Nascida de duas guerras e se desenvolvendo na realidade internacional da Guerra Fria, a ciência das Relações Internacionais teve como centro dinâmico a defesa nacional e a segurança internacional por um longo tempo de sua existência. O realismo dominou o espaço teórico que regia as relações entre 1945 e 1989, e sua interpretação das RI como política de poder que deve ser mantida através da militarização foi o foco de atores que buscavam o sucesso internacional (BECKMAN; DAMICO, 1994). Com isso, houve o desenvolvimento de políticas de defesa e segurança em todo o mundo. Contudo, esse desenvolvimento exclui as mulheres desde o seu cerne, além de ser um processo intenso de masculinização já que, como apontado por Eric Blanchard, “misogynist training are employed in the attempt to turn men into warriors” (BLANCHARD, 2003, p. 1299).

A militarização tomou conta do ideário norte americano no período da guerra fria, e tornou-se seu maior trunfo para o sucesso na política internacional. Com visto na seguinte citação de Tierney Jr.:

After World War II, however, the U.S. was forced to alter drastically its thinking on international politics. The military became a central concern, especially in 1949 when NATO was formed and in 1950 when the Korean War began” (TIERNEY JR, 1978, p. 206).

Como o presente trabalho pretende analisar um filme que retrata uma mulher em posição de poder dentro de uma missão com o foco em defesa e segurança e de cunho militarista em nome do governo dos Estados Unidos, tornam-se úteis essas reflexões a respeito do processo de militarização no país. Da dinâmica militarista, surge o conceito de herói e de vilão, famoso por ser difundido no cinema através de propagandas presentes na grande maioria dos filmes com temática militar, produzidos principalmente dentro de países que participaram de alguma ou de ambas as grandes guerras. Nesses filmes, contudo, apesar

de explícitas as representações de heróis e de vilões, delimita-se um terceiro grupo: a população civil, vista como potencial vítima dos vilões e motivo principal para atuação dos heróis (YOUNG, 2003).

2.1 A criação de soldados e vítimas.

Dentro da pluralidade civil das supracitadas vítimas, encontram-se em sua maioria as mulheres, as crianças e os idosos. As crianças são enxergadas como cidadãos ainda não desenvolvidos, e com isso terreno fértil para a criação de heróis do futuro que atuarão em guerras que ainda estão por vir. Os idosos são vistos como cidadãos que já cumpriram seu dever cívico e que não mais têm disposição física para participarem do conflito ativamente. São os heróis de guerras passadas, que por isso merecem o respeito e a proteção dos soldados ativos naquele recorte temporal. Já as mulheres são vistas com a mesma fragilidade que circunda as crianças e os idosos, apesar dessas não serem nem novas nem velhas demais para a militarização (YOUNG, 2003). Gargi Bhattacharyya diz em seu texto *Dangerous Brown Men* “The story of rescued women anywhere relies on the idea that women everywhere are less than men, helpless victims waiting to be saved” (BHATTACHARYYA, 2008, p. 22). O argumento que isenta os dois outros grupos da participação nas guerras não cabe às mulheres. O que faria delas, então, inaptas para também tornarem-se heróis nas guerras travadas pela sua nação? Como defende Izadora Xavier do Monte em sua dissertação de mestrado, “parte integrante da pergunta ‘por que estão ausentes as mulheres?’ é a pergunta ‘por que os homens estão presentes?’” (MONTE, 2010, p. 51).

Como já explicitado no capítulo anterior, o próprio processo de socialização praticado na criação dos filhos explica por parte a maior valoração dada aos homens nos âmbitos públicos da realidade social (TICKNER, 2001). Juntamente com a influência à participação pública que é exclusiva da criação de meninos, vê-se a influência à violência e ao comportamento militar fomentada por brinquedos que reproduzem armas e carros de guerra, por exemplo. Na lógica social onde são os meninos os proprietários de brinquedos que lembram armas, é entre eles que as brincadeiras que pretendem simular guerras se desenrolam, afinal só outro menino possuirá um brinquedo baseado em armamentos, tornando o combate imaginário possível apenas entre crianças do sexo masculino. Na mesma medida, as crianças do sexo feminino são presenteadas com réplicas de utensílios domésticos e/ou bonecas que são instantaneamente relacionadas com a maternidade das mulheres. As bonecas que não são réplicas de bebês e por isso não são relacionadas aos filhos daquelas filhas, são

brinquedos que possuem como diferencial a possibilidade da modificação em suas roupas, cabelos e acessórios, e diferente dos bonecos presenteados aos meninos, não tem o foco em brincadeiras de combate, mas sim no investimento na manutenção da imagem através de roupas, maquiagens e acessórios (TICKNER, 2001).

Com essa realidade, há o investimento na ambição masculina de busca do poder e reconhecimento público através da força e da violência, ao mesmo tempo em que suas irmãs e amigas mulheres são instruídas a manter o foco nas responsabilidades privadas, investindo sua atenção e esforço nas roupas que usam, no cuidado de seus filhos e na manutenção do lar (YOUNG, 2003). Nas raras vezes em que as meninas participam de brincadeiras que envolvem a simulação de conflitos militares, são elas e suas bonecas as já citadas vítimas que devem ser protegidas dos inimigos. Não só essa é a função delas uma vez que são também os troféus, limpos e bem cuidados, a serem recebidos pelos soldados que voltarão para casa vitoriosos, sujos e feridos no combate, o que mostra a valoração que tem a imagem de cada um deles. Agregando os dois mundos, o valor do troféu que é a menina é pautado no quão bem ela se dá com as roupas e acessórios, na sua desenvoltura como boa mãe, e também no quão desenvolvidas são suas atividades do lar. É nessa lógica que ocorre a inserção social das crianças, e essa é a justificativa primordial para a exclusão de mulheres nos processos de militarização (YOUNG, 2003).

Têm-se então uma reação em cadeia originada da infância modelo padrão da cultura patriarcal. Os garotos receptores da influência ao público tornam-se os mais aptos para os cargos públicos, e uma vez nessa posição tornam-se também os tomadores de decisão. Como defendido por Morgenthau, os tomadores de decisão são os chamados “homens de estado”, e esses “habitam uma esfera particular de significados compartilhados” (MORGENTHAU, 1948 apud MONTE, 2010, p. 72). Como as mulheres estão fadadas à vida particular como resultado dos métodos de socialização, é com demais homens que os tomadores de decisão lidam em suas carreiras, e entre eles é formada a política de um grupo. Uma nação construída nessa lógica torna o processo político altamente masculinizado, e não foge disso a articulação da política internacional. Com o costume patriarcal replicado nesses vários âmbitos, o exército, ao buscar a representação da força de uma nação, irá investir na imagem do masculino e da proteção que ele provém e, dessa forma, excluirá características femininas na confecção de seus soldados, uma vez que esses não conquistarão o sucesso investindo em seu lado maternal ou na forma que lidam com as atividades domiciliares.

Ainda na dissertação de Izadora Xavier, também se encontra a reflexão a respeito da segurança estatal. No âmbito da segurança do Estado dependente da lógica militar, presente

na política realista praticada pela maioria dos atores internacionais de sucesso como já citado, mulheres não são vistas como cidadãs. São vistas como as responsáveis pela cidadania que seus filhos poderão praticar, uma vez que esses sim, caso masculinizados forem, podem exercitar a cidadania (MONTE, 2010). O processo de cidadania, dessa forma, é visto como a capacidade de defender a pátria, que não foi desenvolvida em meninas durante sua socialização, já que, para elas, tal processo tem como foco o treinamento para a vida privada e a dependência de homens que as defendam, como já citado. Isso influencia no processo de criação de conceitos em relação a guerra como explicitado acima, que põe as mulheres como as mais preocupantes vítimas, afinal não só estão inaptas a participarem do exercício militar como também precisam da proteção deste para dar a luz a novos soldados. Esse argumento, segundo a autora, é pautado nas características das mulheres espartanas, que eram a maior fonte do apoio aos filhos pela dedicação e esforço na realização de seus deveres como soldados. Como exposto por Blanchard, novamente:

“However, women’s participation—in the military and high politics—continues to be seen as a security risk in the discourses of international relations. Women are often seen as “nationalist wombs” too valuable as reproducers to be wasted in combat” (PETTMAN 1996, 145 apud BLANCHARD, 2003, p. 1302).

Vê-se que não só a exclusão de mulheres é sistêmica, como também é vista sua participação nas guerras um desperdício de sua real utilidade: trazer novos soldados, mais aptos, para a sociedade. Juntamente a isso, vem a visão do feminino como minoria que fica atrelada à ideia medieval de mulheres como espectadoras da bravura masculina com importância apenas no processo reprodutivo, o que exige delas uma posição maternal ligada à imagem da não violência. Volta-se contra as próprias mulheres esse instinto materno, que as tornaria ineficazes como soldados por serem possíveis mães de futuros soldados.

Dessa forma, observa-se o conceito de masculinidade hegemônica, tanto no processo de inserção social das mulheres, quanto no processo de manutenção dos seus papéis sociais depois de findados os iniciais da socialização. A masculinidade hegemônica, para Diego de Jesus, “pode ser entendido como aquela que incorpora uma estratégia bem sucedida para a subordinação feminina” (JESUS, 2014, p. 320). Sobre o assunto, ele continua:

“A masculinidade hegemônica foi compreendida como um padrão de práticas – não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade – que possibilitou que a dominação masculina continuasse. Ela não se assumiu normal num sentido estatístico, embora seja normativa ao incorporar a forma mais honrada do que é “ser homem”, exigir que todos os indivíduos se posicionem em relação a ela e legitimar ideologicamente a subordinação global feminina. Tal hegemonia não significa necessariamente violência, apesar de poder ser sustentada pela força. Ela aponta para ascendência alcançada por meio da cultura, das instituições e da persuasão. Ademais, é possível conceber uma luta

por hegemonia, de maneira que formas anteriores de masculinidades poderiam ser substituídas por novas.” (JESUS, 2014, p. 320-321).

Como visto, a masculinidade pode ser alcançada por meio da cultura. É esse o ponto que reverbera o que já foi supracitado, a respeito da subordinação feminina aos processos tidos masculinos da sociedade e de sua relação com o poder. Também é visto no argumento do autor a citação a práticas que possibilitam a dominação masculina aos processos sociais de construção de uma dita “hegemonia”, que faz com que os indivíduos incluídos na sociedade legitimem de forma ideológica uma subordinação feminina que é global.

Tendo como característica a subordinação, quando mulheres buscam galgar espaço no *high politics* das relações internacionais, é necessário que retirem-se de seus papéis subordinados e entrem na lógica masculinista de manutenção do poder. É comum que mulheres que almejam despontar em posições de poder adaptem-se por meio da masculinização de seus atos. Como Diego de Jesus pontua, no mesmo trabalho:

“Quando indivíduos do sexo feminino entram em espaços tradicionalmente reservados aos do sexo masculino, os primeiros se colocam dentro do paradigma masculino – caracterizado por coragem, habilidade e determinação – e devem desempenhar seus papéis de acordo com esse paradigma. Em algumas situações, podem modificar a forma pela qual o papel é normalmente desempenhado, mas em geral há pouco ou nenhum espaço para tal” (JESUS, 2014, p. 340).

Vê-se nesse argumento de de Jesus que, não só há a necessidade de adaptação das mulheres através da masculinização como também o constrangimento das que conseguiram o sucesso na tentativa de modificar as formas tradicionais do processo.

Ainda sobre o tradicionalismo das Relações Internacionais, sabe-se que a corrente realista defende a guerra como a mais eficaz maneira de manutenção do poder no âmbito internacional. Dessa forma, ao colocar frente à ideia realista de poder como dominação estruturada através da guerra os argumentos dos diversos autores já citados no presente trabalho, percebemos uma relação entre a masculinidade e o poder. Uma vez que a guerra representa o poder clássico das relações internacionais, e que para entrar no âmbito da guerra as mulheres precisam passar por processos de masculinização, conclui-se que, para que mulheres despontem em posições de poder nas relações internacionais (ao menos do viés clássico tradicionalista), elas precisam anteriormente passar por um processo de masculinização ao mesmo tempo em que esquecem a forma a qual foram socializadas.

2.2 Mulheres e a segurança internacional

Apesar do que foi dito até agora, é visível nos exércitos ao redor do mundo a presença de mulheres, e o crescimento dessa participação também. Segundo dados retirados da rede

CNN numa pesquisa feita com o Pentágono em janeiro de 2013, 36 mil mulheres estavam presentes no corpo de oficiais, o que representava 16.6% do total. Dentro das mais altas patentes do exército, 69 dos 976 generais e almirantes eram mulheres, parcela que representa 7.1% do total, e são divididas em 28 mulheres generais na força aérea, 19 no exército estando uma no corpo de fuzileiros navais, e 21 almirantes na marinha. 18% dos 722 mil reservistas alistados e já soldados da guarda nacional, bem como 19% dos 113 mil funcionários dessa divisão são mulheres. Na guarda costeira, mulheres são 10.5% da força total de 44 mil do pessoal já na ativa e dos reservistas. A pesquisa também mostra que mulheres representam 2.7% das unidades de linha de frente, e 5,4% dos funcionários envolvidos em operações táticas. Também foram mulheres 67 dos 3500 mortos e mais de 600 feridos no Iraque e 33 dos 1700 mortos e 300 feridos nos combates no Afeganistão. A maioria das mulheres dentro do exército, no entanto, representam outros grupos que não os dos combatentes. Nas especialidades médicas, as mulheres representam 30.5% do efetivo, e nas áreas administrativas elas são 30.1%. Representaram 17% das unidades de fornecimento e 14% do corpo de comunicação, sendo 10% dos técnicos em eletrônica. No ramo da saúde como um todo, elas representam 39% do efetivo. Na aérea de inteligência elas são 19% e 18 nas áreas de abastecimento.

Como é perceptível, as mulheres representam uma parcela mínima no exército americano. Tendo isso em mente, entra em evidência a forma como se porta o feminismo frente a essa realidade que exclui a mulher, ao mesmo tempo em que a convence de que aquela não é uma posição que deve desejar para que ela exclua-se a sua maneira, de um dos processos que possuem maior valoração no desenvolvimento da participação e da afirmação do poder nas Relações Internacionais aos moldes clássicos. Inicialmente, identifica-se o problema que gera tal realidade. No caso da militarização, precisa-se voltar às teorias que a elegem como fator primordial na construção da cidadania e da participação nacional. Como já citado acima, o realismo é a teoria que endossa a importância da força militar como o fator que garantirá sucesso na política internacional. Como argumenta Claudia Santos:

Apesar das diversas vertentes do feminismo, todas concordam acerca da busca pela equidade e veem o patriarcalismo como parte primordial que permeia todas as instituições, sendo assim suas críticas a abordagem tradicional do realismo tem contribuído para alterar paradigmas de segurança (SANTOS, 2015, p. 173).

Dessa forma, o próprio realismo precisaria ser questionado pelas teorias feministas que buscam uma maior participação e representação feminina nos diversos ramos da sociedade. Ainda no texto de Santos, há a citação de Tadjbakhsh temos:

Para Tadjbakhsh (1965) o feminismo desafia a doutrina realista do Estado, no qual a figura central e ator principal é o “homem soberano” que é o símbolo do

poder, o feminismo desta forma culpa o realismo por endossar um entendimento “masculinista” do mundo e de status do homem. Neste sistema é o “homem soberano” quem faz as escolhas racionais e legitima a violência, tornando desta forma as mulheres excluídas e controladas diretas, através da violência física, ou indiretamente, pelas concepções e ideologias que endossam papéis diferentes. O feminismo tem desafiado a visão do militarismo como defensor do interesse nacional, e afirma que a segurança do Estado também deve envolver estratégias não militares de negociação. Sendo assim, “Feminist geopolitics is not an alternative theory of geopolitics, but an approach to global issues with feminist politics in mind” (Tadjbakhsh, 1965). Sendo assim, feministas buscam uma aliança entre os movimentos das mulheres e outras forças excluídas. Sendo que elas se opõem à militarização e a veem como um aspecto de masculinidade. Além disso, as feministas acreditam que a concepção de segurança humana precisa ser generalizada, porque mesmo dentro de um quadro radical como “segurança das pessoas”, é o homem que consegue os privilégios e os papéis especiais torando as necessidades das mulheres assumidas por agendas masculinas. (SANTOS, 2015, p. 174).

Vemos que Claudia dos Santos infere que o feminismo deve opor-se à militarização como forma generalizada de busca pela segurança, afinal esse é um processo que causaria “maculinização” das mulheres. Sua crítica ao realismo, então, é pautada na forma única de se fazer segurança internacional através dos exércitos e dos processos já clássicos de combate e violência direta entre os Estados.

Santos nos apresenta ainda a ideia da participação feminina através de intenções que não vão de encontro com o que se espera da militarização das mulheres. Ela mostra que há utilidade na participação feminina como a coibição de atos de má conduta realizados por homens no exército, o que perpetua a posição de subordinação feminina uma vez que lá ainda há estereótipos (SANTOS, 2015). As mulheres que agem de forma diferente são mulheres que passam por processos de masculinização e, ao chegarem em patamares do alto escalão do exército, já possuem mais características masculinas se comparado ao momento em que ingressaram na carreira militar.

Retomando o Texto de Izadora Xavier, temos:

[...] instituições relacionadas com política e poder – historicamente dominadas por homens – mantêm-se masculinas das seguintes maneiras: traços comportamentais considerados apropriados e por vezes essenciais para o sucesso político ainda são estereotipicamente masculinos; horários e locais de reunião, assim como redes e atividades de socialização são, na prática, convenientes para a rotina dos homens e sua mobilidade geográfica; temas de importância central não são os mais imediatamente relevantes para as mulheres (“questões femininas” ainda são periféricas para a política convencional) (MONTE, 2010, p. 77).

Vê-se no excerto que há várias maneiras de se masculinizar uma mulher para que essa caiba na política de poder e também no exército. Os “traços comportamentais” citados por Izadora são o ponto primordial para a compreensão da masculinização das mulheres pelas instituições militares ao redor do mundo. Essas, ao buscarem despertar a agressividade dentro

dos seus aspirantes, os moldam para que se tornem soldados que possuam o mínimo de características femininas possível. Estes precisam passar por um processo que destrói a humanidade do inimigo, fazendo com que um ser humano não seja mais do que um alvo que precisa ser eliminado para que sua glória como soldado seja atingida. Uma das formas mais clássicas de se fazê-lo é investimento na inferioridade do combatente inimigo através de sua feminização, como bem exemplificado pelo cinema em diversos filmes que retratam os processos de ingresso no exército. Até os próprios soldados que se encontram em treinamento precisam ser convencidos de que são eles os alvos não humanos do seu inimigo, sendo constantemente lembrados de que na guerra só sobrevive aquele que muito mata (MONTE, 2010).

Tal processo, quando com mulheres, vai em desencontro com a maneira como foi socializada. A criança que foi treinada desde cedo para deixar aflorar seu lado maternal e particular, que tinha como suas maiores preocupações quais as roupas que deve vestir e como deve se portar, que tinha como responsabilidade a manutenção de uma casa que seja um ambiente confortável e aconchegante para seus filhos e para seu marido, de repente precisa tomar a posição de alguém que pretende matar o marido de outra daquelas mães e esposas. Nessa hora, toda e qualquer característica estereotípica do feminino que foi tão importante para a sua criação precisa ser esquecida e substituída por uma violência que é naturalizada como masculina. A humanidade e maternidade humana, essa naturalizada das mulheres, é o principal inimigo daquelas que pretendem tornarem-se militares ou desenvolverem trabalhos no ramo da defesa e segurança na tentativa da busca pelo respeito e pela eficiência se comparada a de seus parceiros homens.

Durante o processo de fabricação de mentes militares, a desumanização do inimigo se manifesta de maneiras já conhecidas por algumas vítimas de abusos de exércitos inimigos em tempos de guerra. Não só como arma de guerra e buscando humilhar o inimigo, o estupro é visto como a possibilidade de deixar nas mulheres dos inimigos um pedaço dos vencedores. Visto como o triunfo de um lado do conflito sobre o outro, a prática de estupro nas guerras é uma demanda do feminismo que está sempre presente em suas demandas (MONTE, 2010). Mulheres que participam do processo de militarização, no entanto, precisam conviver com essa realidade, passando a enxergar os corpos das mulheres do outro lado do conflito como os homens enxergam o seu dentro de sua nação: um terreno para criação de cidadãos e não uma cidadã em si. Seus companheiros de batalhão, daí, violam esse corpo e plantam nele um “cidadão inimigo”, a fim de provarem sua superioridade, o que deve servir de vitória também para as mulheres militares envolvidas no conflito.

Há também o argumento da mobilidade e dos horários que favorecem os homens. Esse ponto é visto como um impedimento ao desenvolvimento feminino proposto pela sua socialização, e muitas vezes impede que mulheres que ingressaram em carreiras que envolvam a segurança, como a carreira militar, por exemplo, tornem-se mães ou se casem, uma vez que numa família tradicional o papel das tarefas domésticas é da mulher. Enquanto o homem investe em sua carreira pública, sua esposa cuida dos afazeres da casa. Quando uma mulher é militar, muito raramente seu marido toma conta de tais afazeres, e para ela não sobra o mesmo tempo e disposição de um companheiro homem para o investimento na carreira. Soma-se a isso a impossibilidade do desempenho adequado de exercícios militares durante a gravidez, e o tempo de amamentação necessário caso ela opte por ter um filho. Com isso em mente, Claudia Santos conclui seu texto com a frase: “A mulher militar contemporânea está localizada dentro de uma esfera de tempo e espaço que estão para além dela, como as questões culturais, sociopolíticas e a esfera militar em si” (SANTOS, 2015, p.183).

2.3 Representatividade feminina e masculinização

Depois de muito pensar a respeito da inclusão de mulheres nos ramos militares, resta uma dúvida de extrema pertinência: Uma vez que o feminismo das Relações Internacionais busca criticar a forma como esse conhecimento é realizado, a partir de paradigmas socialmente construídos pelo domínio masculino, e tendo em mente que a militarização é parte desse processo, não seria a busca pelo ingresso de mulheres no exército uma aceitação desses conceitos e não apenas uma forma de maior representatividade feminina? Ou seja, dentro da ideia feminista de crítica ao *status quo*, inserir mulheres nessa lógica não seria uma maior legitimação dessas ideias, dessa vez com o respaldo também de mulheres?

Sobre isso versam Claire Ducanson e Rachel Woodward. Elas buscam identificar as respostas para esse dilema apresentando argumentos que sustentam os dois lados do feminismo que procuram produzir pensamentos sobre militarização: tanto aquelas feministas que acreditam que devemos enxergar a maior participação das mulheres no ramo militar como algo benéfico ao movimento, uma vez que aumenta a representatividade feminina e influenciam para a desmasculinização dos processos relacionados ao exército, quanto aquelas que acreditam que com o ingresso de mulheres no meio militar há uma aceitação da lógica patriarcal. Elas explicitam:

In decades-old debates over women’s military inclusion, particularly in combat roles, feminists have focused less on whether women are capable of performing military roles, the preoccupation of mainstream analyses, but rather on whether women should seek inclusion, asking whether this would be progress for

women, for gender equality and for feminism (DUCANSON; WOODWARD, 2015, p.4).

De fato, a dúvida a respeito da forma com a qual o progresso para as mulheres viria através de seu ingresso no exército é grande dentro do feminismo. Esse debate lembra o levantado no capítulo anterior, através das críticas ao feminismo liberal. O feminismo liberal era criticado justamente por incluir as mulheres nos debates padrões das relações internacionais, tais quais segurança e defesa, guerra e conflitos, sem propor algum novo debate que se desestabilize da forma clássica e patriarcal de se pensar RI que se distinga do *high politics*. Isso mostra o tratamento dos mesmos clássicos problemas do campo, sob a mesma ótica. Incluir mulheres nos processos de militarização não representa um novo debate que se preocupe com problemas marginalizados dentro do sistema internacional. Soma-se a isso o fato da masculinização já citada tornar mulheres “menos mulheres” para que haja realmente a sua inclusão na sistemática militar. Dessa forma, o feminismo estaria contando com um processo que procura tornar as mulheres ferramentas de difusão da lógica patriarcal como um processo que ajudaria o movimento, o que é no mínimo paradoxal. Críticas a essa forma de pensar incluem argumentos tais quais: “Not only are militaries organized for the execution of state-legitimized violence, they are implicated in the structural violence incurred when public funding goes on military rather than social expenditure” (DUCANSON, WOODWARD, 2015, p.5), que reitera a ideia de que o feminismo propõe-se a trazer para as RI um viés mais humano, de preocupação com diferentes formas de segurança tais quais os gastos com programas sociais.

Contudo, as expoentes do feminismo que concordam com a inclusão das mulheres nos âmbitos militares também são representadas no texto de Ducanson e Woodward, com o seguinte argumento:

‘Right to fight’ feminists argue that, on equality grounds, women should have rights of access to military participation equal to those of men. With regard to direct combat positions, they argue that preventing women from holding such roles limits women’s opportunities (e.g. for promotion) beyond those particular combat roles, and thus that the combat exclusion perpetuates women’s inferior military and social status (DUCANSON; WOODWARD, 2015, p.4).

Dessa forma, as feministas do “direto de lutar” como chamadas pelas autoras buscam o aumento do status da mulher na sociedade através de sua inclusão até mesmo no exército, justamente por esse ser um espaço que foi historicamente pertencente aos homens. Elas acreditam que quanto mais mulheres se envolverem no processo militar, menos esse processo será visto como algo dominado pela cultura machista e masculinista patriarcal. Com a maior

participação de mulheres, haveria a inclusão de valores femininos no processo e, com o tempo, este pararia de masculinizar seus soldados. As mulheres que entrariam nos ramos militares agora seriam, com o tempo e a dedicação necessária, membros do alto escalão na tomada de decisões dos exércitos e, sem se esquecer da forma feminina e maternal de agir a qual tiveram que abandonar para se adaptarem à lógica militar, influenciaram na mudança da criação de um soldado ao mesmo tempo em que retomariam a humanidade no processo (DUCANSON; WOODWARD, 2015). Elas ainda abordam a questão da cidadania discutida anteriormente no capítulo, defendendo que para que mulheres sejam vistas como cidadãs é fundamental que elas participem da sociedade com os mesmos deveres que têm os homens, fazendo a questão da participação das mulheres na lógica militar dos exércitos não uma questão de igualdade de gênero, mas sim de responsabilidade social para com a participação democrática da formulação da sociedade.

Há bons argumentos dos dois lados. É evidente que existem inúmeras questões a respeito da vontade de inclusão feminina num ambiente tão masculino quanto o exército como uma estratégia que trará benefícios ao movimento feminista. É ainda primordial ter mente as muitas demandas desse movimento, surgidas como reações aos desrespeitos sofridos pela sociedade feminina, praticados por soldados em tempos de guerra. Isso se torna ainda mais paradoxal quando explícitos os métodos de masculinização presentes na criação de um soldado, e no efeito histórico de manutenção da lógica patriarcal que tem o exército na sociedade. Entretanto, a participação feminina na área militar ao redor do mundo é uma realidade que não pode ser ignorada, e até mesmo para as mulheres já incorporados nos exércitos, o feminismo pretende buscar melhor qualidade de vida.

Como o presente trabalho propõe-se a analisar um filme no qual a protagonista já está incluída na área da defesa e segurança, numa missão de alta militarização, o viés adotado será o do “direito de lutar” para fins de melhor compreensão do feminismo para com seus atos e comportamentos. Contudo, vale lembrar que como explicitado em diálogo no filme, a personagem não teve que galgar espaço dentro da esfera militar de segurança e defesa uma vez que foi escolhida ainda no ensino médio. De qualquer forma, será interessante a análise de seu comportamento conforme esta adentra cada vez mais na dinâmica do militarismo, e se mesmo já tendo iniciado sua carreira numa posição de poder maior que a de soldados de combate em campo, ainda foi modificada pelas pressões de lidar com as características de sua base.

3 O FILME “A HORA MAIS ESCURA”

3.1 Bigelow e o Feminismo

Depois de passar pelas variadas formas de se enxergar a teoria feminista das relações internacionais, e das reflexões a respeito da participação feminina nas políticas de segurança e defesa, é chegado o momento da análise do filme. Em tal análise, haverá a utilização dos conceitos anteriormente apresentados para a busca de conclusões a seu respeito, bem como das ideias presentes nas teorias apresentadas, com o foco na teoria final escolhida para ser a norteadora do presente trabalho.

O Filme “A Hora Mais Escura” (*Zero Dark Thirty*, Kathryn Bigelow, 2012) é o primeiro trabalho de Kathryn Bigelow após “Guerra ao Terror” (*The Hurt Locker*, Kathryn Bigelow, 2008), filme que lhe proporcionou O prêmio de Melhor Direção em 2010, na 82ª edição da cerimônia do prêmio da Academia, o Oscar, e a tornou a primeira mulher a vencer a categoria na história. Na mesma noite, a diretora venceu também o Oscar de melhor filme com o mesmo “Guerra ao Terror”, consolidando uma vitória dupla contra as expectativas que previam que o grande vencedor seria *Avatar* (James Cameron, 2009), filme dirigido por James Cameron, seu ex-marido.

Vimos, então, o órgão máximo do mundo do cinema premiar pela primeira vez na história uma mulher, pela direção de um filme de guerra, gênero historicamente relacionado a estereótipos de masculinidade. Não demorou muito para que o acontecido se tornasse objeto de debates a respeito de sua importância para o feminismo. Já no dia seguinte à premiação, veículos da mídia mundial a elegiam a mais nova expoente da causa feminista no mundo do cinema, por ter interrompido uma continuidade de 82 anos sem representação e reconhecimento, vencendo do seu ex-marido favorito a vencer ambos os prêmios que recebeu. Mahnola Dargis, do New York Times escreveu 3 dias após a vitória de Bigelow que não lia as palavras “mulher” “filmes” e “feminismo” na mesma frase desde o lançamento de *Thelma e Louise* (*Ridley Scott*, 1991) (DARGIS, 2012). No mesmo artigo, ela fala do “teto de vidro” da indústria americana do cinema e como esse foi quebrado com os prêmios dados a Bigelow na noite de sete de março de 2010. Após a imediata reação de todos à vitória da noite, no entanto, muitos foram os críticos que a isentaram de qualquer trabalho social em prol da causa feminina antes ou depois de sua vitória.

Não é difícil perceber a falta de representação feminina em “Guerra ao Terror”. A única mulher do filme com falas é a esposa do protagonista e tem em sua participação

confirmações de estereótipos hollywoodianos do papel da mulher na sociedade: em suas curtas cenas que somadas não completam 5 minutos de tela, ela está na posição da dona de casa cujas responsabilidades se resumem nos afazeres domésticos e na criação de seu filho bebê. Dessa forma, o filme falha já nos primeiros requisitos do Teste de Bechdel². O teste também denuncia a possível objetificação de personagens femininos nas projeções. A primeira pergunta do teste já denuncia a falha do filme em representar uma diferenciação em relação a forma tradicional de representação feminina no cinema de massa, já que essa resume-se em analisar se há na projeção duas ou mais mulheres que tenham seus nomes mencionados em algum momento. Não há duas personagens mulheres com relevância no filme, o que denuncia um possível desinteresse de Bigelow em apresentar um contraponto na forma tradicional de se fazer cinema.

Para além disso, temos o discurso da própria Bigelow ao receber seu Oscar de melhor direção. Ao subir ao palco, houve agradecimentos à sua equipe, o reconhecimento do trabalho de todos os que concorriam com ela, agradecimentos ao povo da Jordânia, país onde foi rodado o filme, e também o enaltecimento do trabalho dos homens e mulheres no exército americano. Não houve a menção ao fato de ser a primeira mulher a vencer o prêmio, dedicatória às mulheres da indústria ou algo semelhante. Bigelow, pessoalmente, declarou para a imprensa que prefere ser chamada de “*filmmaker*” no lugar de “*woman filmmaker*”, e já deixou clara sua preferência por não ser relacionada ao movimento feminista como uma expoente (COLE, 2016). Tal posicionamento rebusca argumentos do feminismo liberal, como já citado no capítulo inicial do presente trabalho. Representa uma vontade de reconhecimento mesmo no meio masculinizado, através não da diferenciação do homem e da mulher, mas da inclusão de ambos os gêneros dentro da indústria cinematográfica sem o foco na mudança de uma lógica dicotômica que separa o espaço feminino do masculino.

“A Hora Mais Escura” é o trabalho seguinte de Kathryn Bigelow, e já se difere do anterior por ser protagonizado por uma mulher. Jessica Chastain foi a atriz escolhida para o papel de Maya, a protagonista. A atriz é conhecida pelo seu engajamento em relação a ideias feministas e, recentemente, em conjunto com demais atrizes e produtoras de Hollywood, inaugurou uma companhia de produção cinematográfica que possui como valor norteador a produção de trabalho audiovisuais que contenham mensagens inspiradoras de empoderamento feminino (MCNARY, 2016).

² O teste desenvolvido pela cartunista Alison Bechdel procura verificar se as participações das mulheres nos filmes cumprem três requisitos mínimos expostos em três perguntas, para serem relevantes para o enredo, e para que não sejam estritamente dependentes de personagens masculinos no cumprimento de seus papéis em cena.

O filme conta a história da participação de Maya na missão de caça a Osama Bin Laden, iniciada logo após os atentados de 11 de setembro de 2001 e finalizada em 2011. Maya encontra-se numa posição de tomadora de decisão nas relações internacionais, e dessa forma, resta uma análise acadêmica do filme para verificar se o papel da mulher está ou não de acordo com a realidade da participação feminina nas políticas de defesa e segurança no âmbito internacional, e se esse filme apresenta novas interpretações simbólicas de uma realidade almejada pelos envolvidos na produção.

Bigelow, aparentemente, não possui interesse nenhum no debate feminista, ou na ruptura com a forma tradicional de representação feminina no cinema. Isso, contudo, não a impede de ter criado uma obra que apresenta essa tal ruptura, nem de ter influenciado para que o tal debate a respeito da mulher e seu poder e relevância nas Relações Internacionais chegasse ao público. Como visto no capítulo anterior, é perceptível a baixa participação feminina nas políticas de defesa e segurança. Dessa forma, um filme que coloca uma mulher no papel de protagonista ao mesmo tempo em que pretende contar uma história que envolve conceitos de segurança e defesa já destoa inicialmente do que é mais comum na sociedade. A simples escolha da retratação de uma personagem mulher, incluída num ambiente tradicionalmente masculino, já relembra ideias de inclusão do feminismo liberal e o filme pode ser o meio pelo qual haverá a defesa de tal inclusão frente aos valores sociais, uma vez que se trata de uma obra destinada a um público.

Deve-se levar em conta, também, o simples fato de a direção do filme estar sob a responsabilidade de uma mulher. Como exposto no capítulo sobre mulheres e o cinema no livro *Camera Política*, “how women are represented and who does the representing are crucial political issues” (RYAN; KELLNER, p. 138, 1990). A representação de uma mulher sendo feita por outra já deve destoar, apenas pela razão de assim ser, da forma patriarcal de se fazer cinema. O filme beneficia-se da mulher por trás das câmeras para construir um ponto de vista político em relação ao tema a ser abordado, tanto tácita quanto explicitamente. Ainda na mesma página, os autores continuam: “When woman have had access to the power of representation they have often represented their lives in ways quite different from the ways promulgated by men” (RYAN; KELLNER, p. 138, 1990), indicando mais uma vez que uma diretora mulher pode, mesmo sem a intenção, representar melhor uma personagem feminina que seja livre de estereótipos de gênero. Assim, Bigelow como diretora pode, mesmo sem a intenção, ter criado um filme que seja crítico à realidade da baixa representação feminina, bem como um filme que exemplifica a importância da participação feminina na tomada de

decisão no campo internacional. O filme pode ou não ter também a apresentação de novos símbolos que influenciam no debate ou até mesmo na forma de se colocar a mulher nas RI.

3.2 A Hora Mais Escura

A cena inicial do filme já possui um grande impacto no público. Com a tela ainda sem imagens, ouvem-se áudios das ligações feitas ao número de emergência na manhã do dia 11 de setembro de 2001. Algumas das ligações são de vítimas que se encontravam dentro dos prédios no dia do atentado, outras de pessoas que estariam em desespero após presenciar o choque de um avião com alguma das torres do World Trade Center. Com a clara intenção de chocar, a cena é finalizada num corte que adianta a história em dois anos no futuro. Nessa segunda, é visível um cômodo escuro, empoeirado e de aspecto quente. Entra em cena Dan (Jason Clarke) acompanhado de uma figura encapuzada e vestida de preto. Dentro do cômodo, outros dois homens encapuzados vigiam Ammar (Reda Kateb), que apresenta sinais de exaustão junto a inúmeras marcas no rosto e no corpo, indicando que aquele é um ambiente de tortura. Dan então o tortura enquanto seu acompanhante encapuzado o observa. Poucos segundos depois, Dan e o encapuzado saem do ambiente de tortura. O personagem ainda desconhecido tira seu capuz e revela-se a protagonista. Maya (Jessica Chastain) aos poucos tira a roupa preta que vestia, enquanto Dan ascende um cigarro e inicia um diálogo:

Dan: *Just off the plane from Washington, rocking your best suit for your first interrogation. And you get this guy. There not always this intense.*

Maya: *I'm fine.* (A HORA, 2012).

Nesse primeiro diálogo já é perceptível uma grande quantidade de signos que indicam posições dos personagens. O estudo da semiótica, área do conhecimento que pretende analisar esses signos presentes nos filmes, nos permite extrair mensagens aparentemente tácitas na cena descrita. No livro “A Linguagem do Cinema”, temos:

No contexto do cinema, um signo é qualquer coisa, pequena ou grande, à qual reagimos. Ou seja, algo se torna um signo quando prestamos atenção especial nele (EDGAR-HUN; MARLAND; HAWLE, 2013, p. 18).

Dessa forma, tanto o cigarro e o capuz, quanto o diálogo e as expressões das personagens são signos que podem ser analisados. Ainda na mesma leitura, temos:

A ideia básica da semiótica é de que o signo tem duas partes: a física e a psicológica. A física é o “signo como objeto”, a coisa tangível que vemos ou ouvimos, como uma placa na estrada, as lágrimas da heroína ou as palavras “vá em frente”. chama-se “significante” – o estímulo externo. A parte psicológica é o “signo como conceito”, a reação ao objeto, a ideia ou imagem mental que é provocada na mente. Chama-se “significado” – a resposta interna ao significante. (EDGAR-HUNT; MARLAND; HAWLE, 2013, p.24).

As “imagens mentais” citadas pelos autores, então, são formadas no espectador e já começam a definir os personagens. O cigarro após a tortura nos passa a ideia de algo rotineiro, enquanto o diálogo com Maya nos faz inferir que ela não está acostumada, ou talvez preparada para adaptar-se aos trabalhos realizados por aqueles homens. Dan comporta-se como o chefe que dá ordens, enquanto, da sua forma, subestima Maya e sua capacidade de compreensão e adaptação a forma como são feitas as coisas por ali. Maya, por sua vez, parece aceitar a liderança de Dan e o informa que “está bem”, signo que nos denuncia uma preocupação em mostrar-se confortável para que seja respeitada.

Logo em seguida, Dan pede que Maya o acompanhe para um café. Maya posiciona-se contrária a ideia e sugere que é melhor voltar para o interrogatório, o que parece deixar Dan surpreso. Ele, referindo-se ao monitor ligado à câmera dentro da sala de tortura, continua:

Dan: *You know, it's no shame if you wanna watch from the monitor.* (A HORA, 2012).

Os signos nos fazem inferir que a tortura é o árduo trabalho a ser completado, Dan é o mestre e Maya a aprendiz. Assim, coloca-se o personagem masculino acima do feminino, como o detentor do conhecimento que deve ser passado para a aprendiz que é, naturalmente, inferior. Contudo, Maya balança a cabeça em negação, informando que tem vontade de participar da tortura da mesma forma que ele. Essa vontade de estar em igualdade com seu parceiro fica ainda mais explícita no diálogo que se segue, quando, antes de retornarem à tortura ele a oferece novamente o capuz preto o qual a personagem usara na sessão anterior:

Dan: *Might wanna put this on.*

Maya: *You're not wearing one? Is He ever getting out?*

Dan: *Never. Let's go.* (A HORA, 2012).

A cena seguinte resume-se em um interrogatório com tortura. Maya observa Dan com expressões de insatisfação. Mesmo claramente incomodada, ela persiste no cômodo enquanto tudo acontece, só se retirando junto a Dan no fim do interrogatório. Aqui, Maya mostra-se muito interessada em ser vista não com algum tipo de inferioridade, ou até mesmo vulnerabilidade em relação à tortura. Apesar da tentativa de Dan da construção de um relacionamento com Maya onde ele dá as ordens e ela apenas as acata, o comportamento da personagem feminina indica sua vontade por uma relação mais igualitária entre eles. Buscando um conceito acadêmico de empoderamento feminino, podemos relacionar a análise da cena inicial do filme com esse processo. Como conceito de Cecília Sardenberg, temos: “Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um

instrumento/meio e um fim em si próprio” (SARDENBERG, p. 2, 2012). Maya mostra a busca por essa tal autonomia quando nega-se a acatar as sugestões de Dan e tenta colocar-se na mesma posição em que ele está. É perceptível, em demais cenas de tortura presentes no decorrer do filme, que esse posicionamento é, de fato, um meio e um fim em si próprio como dito pela autora, quando nessas cenas seguintes é Maya quem realiza interrogatórios sem a presença de Dan ou de qualquer outra personagem a auxiliando. Ela utiliza do processo para se autodeterminar tão competente quanto Dan, e tal comportamento surte efeito no seu próprio empoderamento como uma personagem tão capaz quanto qualquer outro de comandar um interrogatório, mostrando que ela conquistou seu espaço de respeito.

Ainda nesse âmbito da conquista do poder feminino, se buscarmos por argumentos teóricos apresentados no primeiro capítulo do presente trabalho, veremos a citação por Tickner do conceito de poder apresentado por Hannah Arendt, onde “o conceito feminino de poder é algo de características mais compartilháveis do que egoísticas”. Analisando a cena descrita através dos signos nela presentes, verificamos esse teor mais compartilhável do poder feminino em Maya, que não busca sobrepor-se a Dan e tornar-se, então, a pessoa que dita as regras. Ela demonstra apenas a vontade de ser vista como igual, de compartilhar a mesma posição de poder em relação ao trabalho que está a realizar que o seu companheiro homem.

Na cena que se inicia aos 30 minutos e 32 segundos, vê-se o primeiro diálogo entre duas mulheres, sem a interferência ou presença de qualquer outro personagem masculino. A cena acontece dentro de uma espécie de copa ou cozinha, e envolve a protagonista, Maya, e outra mulher funcionária da CIA na missão de busca por Bin Laden, Jessica (Jennifer Ehle). A relação entre as personagens ainda é incerta, em cenas anteriores Jessica pareceu não ter simpatizado com Maya, quando numa reunião com os demais membros da operação a protagonista a interrompeu com ideias contrárias às suas. Jessica, então, insistiu no argumento e Maya a respondeu reafirmando seu contraponto. Em outra cena onde as duas personagens encontram-se juntas, dessa vez na companhia apenas de Dan, Jessica questiona um método de interrogatório proposto por Maya, que mais uma vez segue defendendo seu ponto. Em relação com a cena inicial já analisada, Jessica mostrou uma posição muito parecida com a de Dan, em buscar sentir-se superior a protagonista, questionando-a e esperando que ela não reaja. Jessica tenta manter-se na posição de superioridade em relação a Maya assim como fez Dan e, também assim como ele, falha. Em ambas as cenas que envolvem Jessica e Maya, vemos duas mulheres incluídas num meio masculino e reagindo de formas diferentes: Maya busca o respeito utilizando-se do empoderamento feminino, como na cena inicial com Dan, e Jessica

busca manter-se empoderada em meio aos homens tentando colocar-se em posição de superioridade e opressão.

Voltando à cena onde as duas personagens encontram-se no refeitório, temos o seguinte diálogo:

Jessica: *How's the needle in the haystack?*

Maya: *Fine.*

Jessica: *Facilitators come and go. One thing you can count on in life is that everyone wants money.*

Maya: *You're assuming that al-Qaeda members are motivated by financial rewards. They're radicals.*

Jessica: *Correct. You're assuming that, uh, greed won't override ideology in some of the weaker members.*

Maya: *Money for walk-ins worked great in the Cold War, I'll give you that.*

Jessica: *Thank you.* (A HORA, 2012).

Por mais que a hostilidade entre as duas ainda esteja presente no tom do diálogo, vemos aqui um importante momento para a análise da posição feminina no filme. Retomando o teste de Bechdel, vemos nessa curta cena que o filme passa pelos requisitos das três perguntas. Elas são: Existem duas ou mais mulheres no filme, as quais tem nome? Como visto, Jessica e Maya estão presentes. Elas conversam entre si? Frequentemente, tanto em reuniões com outros como sozinhas. Elas conversam entre si sobre algum assunto que não envolva homens? No diálogo explicitado acima, vemos que o assunto abordado é o trabalho, e não homens. Mostrar mulheres alheias a quaisquer homens para desenvolver seus trabalhos, capazes de conversar sobre temas que não estejam relacionados à vida doméstica ou sejam pautados na dependência de um homem, é uma via alternativa à representação estereotípica de mulheres no cinema segundo o teste de Bechdel. Além disso, Jessica mostra-se uma mulher com experiência ao fazer suas inferências por possuir conhecimento sobre política e estratégia, e Maya, uma mulher com profundo conhecimento dos métodos da al-Qaeda e dos trâmites das missões na Guerra Fria.

Numa próxima cena, essa iniciada aos 41 minutos, Joseph Bradley (Kyle Chandler) encontra-se com Maya para lhe dar a notícia de que ela poderá interrogar um informante de extrema importância para a missão. Contudo, ele a entrega uma pasta contendo afazeres que precisam ser completados antes do interrogatório. Maya o responde dizendo que irá cuidar de tudo. Joseph questiona o fato de Maya não ter nem aberto a pasta com os tais afazeres, e em seguida, ela o lista todos esses afazeres ainda sem abrir a pasta, mostrando possuir um profundo conhecimento a respeito do que deve ser feito a partir dali. Os signos presentes na

cena explicitam que Maya está ciente dos processos e é muito bem preparada para efetuar o trabalho que está desenvolvendo. O personagem de Chandler é o representante da CIA em cargo de chefia no Paquistão. Dessa forma, vemos a como a participação da mulher nas relações internacionais está representada por Maya, que demonstra seu conhecimento e capacidade para a execução da missão, de primordial importância para o governo dos Estados Unidos, quando ela mostra-se tão ciente dos processos quanto o chefe responsável pela missão. Vemos aqui uma mulher desenvolvendo movimentação político-estratégica em nome dos Estados Unidos e o fazendo com maestria, ou seja, não só está incluída na tomada de decisão internacional, como também está envolvida com sua eficácia.

Na cena que se segue, vemos então o prometido interrogatório de Maya a Abu Faraj (Yoav Levi). Ele se assemelha muito ao interrogatório com tortura que inicia o filme, mas dessa vez, ela faz as perguntas e ela ordena que o guarda presente na sala torture o interrogado. Cabem aqui, as definições de denotação e conotação presentes em *A Linguagem do Cinema*, quais são: “Denotação: o significado “dado”, direto e principal que o signo tem. Conotação: o significado indireto, secundário e derivado do que o significado sugere.”(EDGAR-HUNT; MARLAND; HAWLE, 2013, p. 26). A cena é dotada de signos denotativos, como a expressão de indiferença de Maya ao observar o mesmo método de tortura que observou na cena de abertura do filme. Tais elementos nos trazem a conotação de que a fragilidade com a qual ela foi representada na primeira tortura, onde mostrava-se incomodada com os métodos, foi substituída pelo desenvolvimento daquilo que a incomodava. Torna-se visível, então, uma evolução na personagem, que já adaptou-se a forma do interrogatório e agora também os utiliza como ferramenta de poder sobre o inimigo, o que nos faz rebuscar os conceitos de empoderamento feminino.

Aos 46 minutos e 43 segundos, temos a segunda cena envolvendo apenas duas mulheres. Aqui, Jessica e Maya parecem muito mais próximas do que eram, e conversam como amigas ainda sobre a missão, num restaurante do hotel Marriot. A conversa é totalmente pautada no trabalho das duas até que surge o seguinte diálogo:

Jessica: *Where's Jack?*

Maya: *Probably stuck in some checkpoint, somewhere.*

Jessica: *You two hooked up yet?*

Maya: *Hello, I work with him. I'm not that girl that fucks. It's unbecoming.*

Jessica: *So, a little fooling around wouldn't hurt you... So no boyfriend? You get any friends at all?* (A HORA, 2012).

No diálogo percebemos que Jessica confronta Maya com perguntas a respeito de sua vida pessoal, especificamente sua vida amorosa. Em vários dos enquadramentos da cena é possível ver a aliança no dedo de Jessica, denotando que ela é casada. Através do diálogo descobrimos que Maya, por sua vez, não parece ter um parceiro amoroso com ou sem participação no filme. Jessica, da sua forma, cobra de Maya um posicionamento quanto a esse fato de sua vida. Nesse ponto, vemos que a diretora cria uma cena onde uma mulher casada cobra de outra, solteira, um posicionamento tradicional em relação à socialização das mulheres, criadas para perseguirem objetivos que incluam o casamento e o investimento na criação de uma família. Maya mostra-se focada no seu profissional, o que vai de encontro com o seguinte excerto:

The dichotomy imposed most often on women by male filmmakers is that between career and marriage or love. The choice is usually either between work and children or between a vulnerable public life and male protection. (RYAN; KELLNER, 1990, P. 139).

Maya mostra-se como a mulher que escolheu investir em sua carreira e por isso não tem uma família e, segundo o diálogo com Jessica, também não tem amigos. Isso, relacionado com a ideia explicitada no excerto acima, denota que Bigelow, nesse ponto, agiu como o que Ryan e Kellner chamam de “male filmmaker”, não representando aqui uma ruptura com a forma tradicional de se fazer cinema. Contudo, há também na cena Jessica, uma mulher casada, a qual aparentemente nutre uma família, e que trabalha ao lado de Maya na mesma posição e missão. Na cena, então, tem-se ao mesmo tempo um estereótipo da mulher solteira e sozinha que escolheu dedicar-se ao trabalho, e da mulher casada na mesma posição.

Apesar da representação de Jessica como a possibilidade do sucesso da mulher casada, vale rebuscar as cenas anteriores da personagem. Quando aparece pela primeira vez, na cena da reunião, ela é interrompida por Maya, que apresenta uma ideia melhor do que a por ela dada. Na segunda cena em que a personagem e Maya conversam, após os atentados aos ocidentais no Paquistão, Maya tem outra ideia de estratégia a qual Jessica parece não ter percebido antes. Já na cena do refeitório, descrita acima para a análise através do teste de Bechdel, Maya mostra-se mais preparada que Jessica por possuir mais conhecimento a respeito da al-Qaeda e de sua relação com os valores que os movem e o dinheiro. Dessas evidências, percebemos Maya como uma mulher mais preparada e munida de conhecimentos, dessa forma, uma mulher mais preparada para obter sucesso na missão. Conclui-se, daí, que Maya é uma mulher mais envolvida que Jessica, talvez porque a segunda tem mais preocupações, como a família por exemplo. Em *A Linguagem do Cinema*, temos:

Personagens, por exemplo, são formadas por pequenos fragmentos de informação (como características físicas, gestos corporais e palavras faladas), cada um deles selecionados e justapostos para criar a ilusão de um ser humano tridimensional da vida real (EDGAR-HUNT; MARLAND; HAWLE, 2013, p. 18).

Os tais “pequenos fragmentos de informação”, como a aliança de Jessica, quando em conjunto com outros fragmentos, como sua constante ineficácia frente ao trabalho de Maya, traz a análise do filme uma conotação de maior preparo da mulher que não possui família.

Ainda dentro desse debate, temos no primeiro capítulo do presente trabalho, a afirmação embasada pelo argumento de Karen Griffin “dentro da mais alta classe de participantes da formulação paradigmática das relações internacionais, se há mulheres bem sucedidas, são aquelas que precisaram trabalhar muito mais que seus colegas homens para conseguir o reconhecimento necessário que lhes rendeu aquela oportunidade”. Através dessa análise, o filme mostra uma realidade muito comum da participação feminina nas relações internacionais: para que seja bem sucedida, a mulher precisa trabalhar mais que os homens, e isso inclui focar seus esforços na carreira de maneira tal que o investimento em uma família torna-se pouco provável, enquanto aquelas que procuram investir na família tornam-se menos bem sucedidas.

Após uma explosão que atrapalha a conversa de Maya e Jessica, temos o desenrolar de outra parte do enredo que demonstra a menor eficácia do trabalho de Jessica em relação ao de Maya. Jessica trabalha para encontrar pessoalmente um informante da localização de bin Laden. Para isso, cria-se um plano para que ela e o tal informante encontrem-se no Afeganistão, e em troca de sua informação, Jessica o promete 25 milhões de dólares. Ela então viaja ao Afeganistão para o encontro, e lá, morre quando uma bomba no corpo de seu informante é detonada. Essa cena denuncia o despreparo de Jessica em relação a Maya, que na cena da copa tinha lhe informado que os extremistas islâmicos não traem sua causa por dinheiro.

Em 1 hora e 6 minutos, há o diálogo de Maya com uma personagem feminina. Debbie (Jessica Collins) descobre outra pista nos arquivos, e em um momento do diálogo com Maya, diz que se sentiu inspirada por ela a servir no Paquistão. Essa informação corrobora com as ideias do feminismo liberal que procura incluir mulheres nos processos de tomada de decisão na política mundial para que inspirem outras e conquistem seu espaço (BECKMAN; DAMICO, 1994).

Na cena iniciada em 1 hora e 37 minutos, vemos uma reunião que visa informar um dos diretores da CIA sobre a missão que pretende invadir a suposta casa de Bin Laden. A casa foi encontrada através de uma pista de Maya, que sugeriu que um informante dado como morto poderia estar, na verdade, ainda vivo, e ter sido confundido com seu irmão no dia do enterro desse. O informante, então ainda vivo, seria uma conexão direta com bin Laden. Poucos acreditam em Maya, e até mesmo o então chefe da CIA no Paquistão, Joseph Bradley, acredita que tal pista é loucura da personagem. De qualquer forma, ela consegue com que seja autorizada uma missão de vigilância e comprova sua pista. A reunião com diretor da CIA, então, é o momento crucial para a missão, momento esse que só tornou-se possível através da pista de Maya. Rebuscando o argumento de Tickner presente no capítulo 1, sabemos que por mulheres não terem tanto contato com métodos de coerção graças ao seu processo de socialização, elas estão mais aptas a enxergar o poder através da persuasão (GRANT; NEWLAND, 2005). Dessa forma, vemos que Maya conseguiu, através da persuasão, convencer muitos dos personagens masculinos a sua volta para que seguissem sua pista.

De volta à reunião, mais signos indicam o empoderamento feminino conquistado pela personagem. Ao tentar sentar-se a mesa central, um dos técnicos da N.S.A. pede para que ela se sente nas cadeiras ao fundo da sala. Na maior parte do tempo, os personagens de James Gandolfini e Mark Strong debatem sobre o plano de invasão, enquanto Maya permanece fora de foco por estar no fundo da sala. Quando o Diretor da CIA sugere que câmeras sejam alocadas na Academia Militar do Paquistão, George (Mark Strong) informa que a tal Academia fica a uma milha de distância da casa. Nesse ponto, Maya toma a palavra e informa a real distância, que é menor que uma milha. Daí em diante, segue um diálogo:

Diretor da CIA: *But Who are you?*

Maya: *I'm the motherfucker that found this place, sir.*

Diretor da CIA: *Really?* (A HORA, 2012).

Cabe, aqui, o conceito de metáfora encontrado em *A Linguagem do Cinema*: “Metáforas apontam para uma conexão e nos convidam a um aprofundamento – às vezes imaginando algo não material como se pudesse ser visto ou sentido” (EDGAR-HUNT, MARLAND, HAWLE, p.25, 2013). A metáfora presente na cena indica a marginalização do trabalho da mulher, que foi alocada no fundo da sala, onde permanece calada e constantemente fora de foco enquanto homens debruçam-se sobre a maquete da casa que fora achada com seu esforço e expertise. A personagem, no entanto, reivindica a autoria do sucesso da pista e sua importância na missão, procurando seu lugar de direito. A cena é finalizada na figura abaixo:

Figura - A Hora Mais Escura, Kathryn Bigelow, 2012



Fonte: próprio autor

A figura põe Maya em Plano Médio, um enquadramento que mostra os indivíduos da cintura para cima (EDGAR-HUNT; MARLAND; HAWLE, 2013). A iluminação escolhida é a Luz de Preenchimento, que consiste na iluminação de três pontos, que busca minimizar o sombreamento na face da personagem (EDGAR-HUNT; MARLAND; HAWLE, 2013). Os três pontos iluminados são Maya, a parede atrás da personagem, e a bandeira dos Estados Unidos exposta na parede. A sombra de Maya é a única porção da bandeira que não reflete a iluminação que entra pela cortina da sala, metaforicamente, essa é a representação de que Maya era a única pessoa presente na sala que torna visível a força dos Estados Unidos. Além disso, podemos ver a personagem de braços cruzados, signo que nos transmite a sensação de dever cumprido e orgulho próprio.

Em relação à pista de Maya em específico, verifica-se que a personagem pensou de forma alternativa quando sugeriu que por vestirem-se da mesma forma, os irmãos poderiam ter sido confundidos no dia do funeral. Isso vai de acordo com argumentos apresentados no primeiro capítulo do presente trabalho que defendem que “a importância da participação feminina nas políticas de defesa e segurança é pautada pela sua visão diferenciada, afinal se a forma com a qual descrevemos a realidade tem efeito nas maneiras que percebemos e agimos em nosso ambiente, novas perspectivas podem nos levar a ações alternativas” (GRANT; NEWLAND, 2005).

Somente em 1 hora 50 minutos voltamos para a sala de reuniões. O Diretor da CIA está no centro da imagem, sentado na extremidade mais distante da mesa. Vemos no canto esquerdo da tela que Maya está, dessa vez, sentada a mesa e não mais no fundo da sala como

antes. Na cena acontece a discussão final para a entrada na casa onde bin Laden supostamente se protege. Maya continua a única mulher no recinto, e os demais homens discutem a probabilidade de bin Laden realmente estar escondido na casa achada com as pistas dela, colocando a porcentagem de chances dele estar ali, de acordo com suas opiniões. A maioria presente aposta nos 60%, mas, quando a opinião de Maya é requisitada, ela defende com 100% de certeza que bin Laden está na casa. A cena nos mostra a escalada de Maya rumo ao respeito dentre os homens. Em comparação com a anterior, ela não se encontra mais no fundo e fora de foco, mas sim junto aos demais sentada a mesa. Diferente da cena anterior, ela não precisa interromper a conversa dos homens, pois sua opinião é requisitada, prova de que teve seu valor reconhecido. O empoderamento que ela busca desde o início do filme, no meio masculino da política mundial de defesa e segurança, mostra nessa cena sua maior prova de eficácia. O fato da cena acontecer ao redor da mesa que a protagonista compartilha com os demais envolvidos na missão nos faz retomar ainda a ideia de Hannah Arednt defendida por Tickner a respeito do poder feminino não ser pautado em formas egoísticas de dominação.

A cena final é repleta de simbologias úteis para a formação conotativa da personagem no público. Maya sobe a bordo de um avião que pretende levá-la de volta para casa. Ao entrar no enorme cargueiro vazio, com apenas alguns poucos lugares, um tripulante vem a seu encontro. Após recebê-la e acomoda-la, pergunta para onde ela deseja ir. Em resposta, Maya permanece em silêncio. Corta-se para um close-up de seu rosto. Os close-ups, também conhecidos como “plano-detalle”, são usados no cinema comumente como uma técnica que busca capturar os detalhes narrativos individuais, e costumam enfatizar uma fala ou reação de um personagem (EDGAR-HUNT; MARLAND; HAWLE, 2013). Nesse plano detalhe, Maya chora. Acompanha a cena uma tranquila trilha, um solo de piano. Sobre a trilha sonora e sua utilidade nos filmes, vale ressaltar:

“A música não pode comunicar diretamente a narrativa da mesma maneira que o diálogo. Contudo, pode servir de cenário para eventos visuais e diálogos. É essa sutileza que pode colocar o público em uma posição em que o diálogo não pode. A música é representativa e emocionante. Ela pode colocar o público em um nível diferente e captar as suas emoções em vez de suas mentes conscientes. É difícil evitar a emoção quando uma trilha é bem executada.” (EDGAR-HUNT; MARLAND; HAWLE, 2013, p. 58).

Tem-se, então, uma cena construída com a finalidade de relacionar a emoção da personagem com a emoção do espectador. Após 2 horas e 37 minutos de projeção, onde vemos uma mulher galgar seu espaço dentro da mais importante missão de defesa e segurança dos Estados Unidos, conquistando diálogo após diálogo seu lugar de respeito, a mesma se apresenta frágil. Incapaz de responder a pergunta do tripulante, ela nos mostra que não sabe

para onde ir, afinal doou os últimos 9 anos de sua vida para aquela missão, e os últimos 12 para os trabalhos na CIA.

Aqui vale retomar outra cena, que se inicia em 1 hora e 52 minutos. Ela acontece logo após a já citada última reunião com os diretores da CIA, a mesma que coloca Maya pela primeira vez sentada a mesa com os demais homens envolvidos na missão. Essa cena acontece num refeitório. Enquanto Maya come sozinha, o Diretor da CIA interpretado por Gandolfini pede para se juntar a ela. Segue, então, um diálogo:

Diretor da CIA: *How long have you worked for the CIA?*

Maya: *Twelve years. I was recruited out of high school.*

Diretor da CIA: *And do you know why we did that?*

Maya: *I don't think I can answer that question, sir. I don't think I'm... Allowed... to answer.*

Diretor da CIA: *All right. What else have you done for us, besides bin Laden?*

Maya: *Nothing. I've done nothing else.*

Diretor da CIA: *Well, you certainly have a flair for it. (A HORA, 2012).*

O diálogo explicita informações de extrema importância a respeito da personagem. Deixa claro que, desde que saiu do Ensino Médio, ela tem dedicado sua vida e seus esforços exclusivamente para os trabalhos da CIA, em especial, a missão de procura e eliminação de bin Laden. O diálogo que ocorre logo após a reunião que confirma seu empoderamento frente aos demais presentes na chefia da missão, tem um forte signo que nos indica que seu esforço foi recompensado, mas esse mesmo esforço e dedicação a tornaram dependente daquele trabalho, afinal, pela demanda pessoal e profissional em obter sucesso na missão, ela não investiu em mais nenhuma parte de sua vida. Rebuscando a cena no restaurante do hotel Marriot, quando Jessica a confronta perguntando sobre sua vida pessoal, é válido lembrar que Jessica insinua que Maya não possui amigos ou família e dedica toda a sua vida para seu trabalho. Dessa forma, a construção do diálogo final entre ela e o tripulante, que mostra a inabilidade de responder para onde ela deseja ir, nos mostra que toda a sua vida resumia-se na missão que cumprira. Agora, resta a ela a dúvida de como proceder com sua vida sem a demanda do trabalho que a envolveu por 12 anos.

A cena final é, ainda, composta por alguns outros elementos importantes para a análise. Como já dito, Maya encontra-se sozinha, dentro de um enorme avião cargueiro, sem um rumo definido. O espaço demasiadamente grande e exagerado para carregar apenas uma pessoa torna-se o signo da solidão e do vazio que Maya cultivou enquanto esteve envolvida na missão. E o close-up final torna-se uma crítica tácita ao esforço demandado de mulheres para

obter sucesso em sua carreira. É importante, para que se entenda a crítica, compreender os estudos sobre posicionamento de câmera:

“Supõe-se que a tela é geralmente dividida em três porções. O meio da tela é considerado o mais poderoso. Se uma personagem ou objeto é enquadrado no centro, ele detém o poder sobre o que está nas margens da tela” (EDGAR-HUNT; MARLAND; HAWLE, 2013, p. 125).

Maya está posicionada no centro da tela, mas as margens encontram-se vazias. Seu empoderamento está completo, ela é a responsável pela captura de bin Laden e mais uma heroína militar dos Estados Unidos. Tem poder, respeito, glória. Contudo, continua sozinha, dentro de um enorme avião vazio, sem ideia de pra onde vai, sem ideia de quem é fora do posto que ocupou por nove anos. Ela conquistou o poder dentro das relações internacionais, afinal foram suas decisões e seu trabalho que permitiram a que a caça a bin Laden se finalizasse. Utilizou dos métodos persuasivos para atingir seu posicionamento empoderado. E o sacrifício de sua vida pessoal, que durante o processo de busca não pareceu lhe incomodar, agora tornou-se um peso existencial.

Ideias abordadas no capítulo 1 do presente trabalho, embasadas em argumentos como os de Maria Macêdo Mendes, nos indicam que mulheres precisam de um esforço maior que o de seus colegas homens na busca pelo sucesso em suas carreiras na política mundial. A cena final de “A Hora Mais Escura” relaciona-se com essa ideia por mostrar que, de fato, o esforço total de Maya em construir sua carreira na CIA lhe cobrou muito e lhe impediu de muitas outras experiências. Se rebuscado no enredo a morte de Jessica, podemos relacionar sua ineficácia com o seu relacionamento não tão pessoal e profundo com o trabalho como faz Maya, muito provavelmente porque Jessica é uma mulher casada. O filme, então, termina como uma crítica à posição da mulher nas relações internacionais, bem como na sociedade no geral, uma vez que nos mostra que, para obter um espaço de respeito e sucesso dentro dos âmbitos profissionais demandados daqueles que trabalham com a política mundial, a mulher precisa de dedicação tal que o trabalho torne-se a única e exclusiva prioridade de sua vida.

3.3 Conclusão da análise fílmica

Quando analisada a crítica identificada após a análise do filme, nos é perceptível, primeiramente, a afirmação do argumento presente no segundo capítulo que trata da eficiência da mulher em missões de cunho militarístico. O argumento defende que “a humanidade e maternidade humana, essa naturalizada das mulheres, é o principal inimigo daquelas que pretendem tornarem-se militares ou desenvolverem trabalhos no ramo da defesa

e segurança na tentativa da busca pelo respeito e pela eficiência se comparada a de seus parceiros homens”, o que corrobora com a realidade de Maya explicitada em diversos diálogos e na cena final do filme. Seu sucesso na missão é claro e evidente, mas também torna-se evidente a ausência do citado “inimigo” do seu sucesso.

O filme pode ser visto como uma crítica construída na última cena, em relação com demais signos presentes no enredo, mas é preciso pontuar algumas ideias do feminismo apresentadas no capítulo inicial do presente trabalho as quais não foram em nenhum momento abordadas na projeção.

Tickner faz críticas, por exemplo, à forma de se fazer e escrever a respeito das relações internacionais no pós Guerra Fria. Ela defende que nenhum autor que se propôs a tal, abandonou seus vieses etnocêntricos para fazê-lo (TICKNER, 2001). Junta-se a isso a outra crítica da autora a respeito da inadequação do Estado de prover efetiva segurança, já que “o feminismo busca compreender como a segurança individual e de grupos é ameaçada com a violência em todas as formas, incluindo as de defesa nacional”. No que tange esse ponto da segurança dos grupos no âmbito infraestatal, não é visível a atuação da personagem nesse sentido. Se focado o seu desenvolvimento e sua relação com segurança e defesa, Maya é só mais uma expoente do repetitivo e clássico modo patriarcal de se fazer relações internacionais, provando isso ao insistir por uma missão de ataque à casa de bin Laden apenas por não ter o consentimento necessário para simplesmente jogar uma bomba no local, como explicitado em sua fala iniciada em 1 hora e 49 minutos. Ela não parece preocupar-se com as consequências sociais desse ato para os grupos do Paquistão que se envolveriam em tal ataque

Outro ponto explicitado no capítulo 1 através das ideias de Tickner esclarece que “enquanto nas RI clássicas procura-se entender as causas e consequências da guerra a partir de uma análise que parte de cima para baixo, o feminismo das RI procura identificar esses pontos através da análise do impacto da guerra no nível micro”. Maya é uma personagem que enxerga ignora o micro ao colocar, constantemente, a captura de bin Laden como o primordial objetivo para atingir-se o que chama de “homeland security”, ou a efetiva segurança da pátria, mesmo com a informação da ameaça de um segundo atentado em Nova Iorque.

Rebuscando as ideias do etnocentrismo, também fica claro no comportamento de Maya a separação do “eu” e do “outro”, pautada nos moldes patriarcais de dominação, também citados no capítulo 1. Fica explícita a relação de dominação adotada por Maya nas cenas de tortura, as quais ela participa ou até mesmo comanda, quando se apodera da violência como forma de dominação do inimigo e, agindo assim, mostra estar incluída na

forma patriarcal de se fazer política mundial através da busca de seu espaço nas relações internacionais.

Vale ressaltar nesse ponto, contudo, que o processo de empoderamento pode envolver a masculinização da personagem, afinal, para incluir-se num meio tão masculinizado quanto o âmbito militar das políticas de defesa e segurança internacionais, é preciso agir de forma a galgar seu respeito e garantir seu espaço, e para isso utiliza-se a forma masculina de se enxergar e agir frente aos trabalhos requisitados (JESUS, 2014). Essa masculinização, por mais que muito provável no processo de desenvolvimento da personagem, não fica explícita em diálogos ou demais cenas do filme. Se observados argumentos do capítulo inicial onde pesquisas citadas por Tickner mostram que meninas toleram menos situações de conflito como resultado de sua socialização, e procuram brincadeiras onde a vitória não necessariamente significa o fracasso do outro, temos a mais próxima evidência de que Maya abandona seu comportamento socialmente esperado e adotou uma posição mais masculina. Contudo, nada, além disso, parece demonstrar tal posição, e definir a masculinização da personagem a partir desses elementos seria um pulo demasiadamente grande.

Mesmo com esses desencontros em relação à teoria feminista, no caso, a defendida por Tickner, é preciso buscar reconhecer na ideologia do filme algumas mensagens pró-feminismo. Como conceito de ideologia aplicada ao cinema, temos:

“Ideologia é um corpo sistemático de ideias, atitudes, valores e percepções, assim como das visões, atitudes, posições e dogmas de um grupo social. A ideologia é específica e geral. É visível e invisível. Ela pode ser consciente, mas, na maioria das vezes, é inconsciente. É universal e tem impacto sobre todos os aspectos da existência humana.” (EDGAR-HUNT; MARLAND; HAWLE, 2013, p. 97).

Com as análises das cenas efetuadas no decorrer do presente capítulo, podemos perceber uma crítica muitas vezes inconsciente, mas que, de certa forma, influencia o espectador a pensar o lugar da mulher nas missões de defesa e segurança dos Estados Unidos, e dessa forma, o lugar da mulher nas relações internacionais. A construção das personagens femininas com falas no filme influencia, no mínimo, o pensamento da igualdade entre homens e mulheres no âmbito da realização de tarefas para a defesa e a segurança da nação. Dessa forma, se buscada a ideologia por trás do filme, isolada das eventuais propagandas anti terrorismo e de enaltecimento do poder americano, que não são o foco do presente trabalho porém valem ser mencionadas, percebe-se uma aproximação de tal ideologia com a inclusão de mulheres no processo defendida pelo feminismo liberal através da bandeira do “right-to-fight feminsm”, supracitado no segundo capítulo. Assim, tem-se em “A Hora Mais Escura”

uma obra que não necessariamente foge dos padrões tradicionais de se fazer cinema, mas que com certeza difere da maioria dos filmes do gênero no que tange a representação do feminino na tela.

CONCLUSÃO

A relação do cinema com as ciências sociais sempre explicita uma dupla utilidade analítica que, quando explorada, mostra-se de grande importância para uma melhor compreensão de ambos. Dessa forma, como uma ciência social de abrangência mundial, as Relações Internacionais também muito se beneficiam dessa relação. Ao mesmo tempo em que a realidade da política mundial é representada, tanto nos enredos quanto nas imagens cuidadosamente dirigidas para que haja a total compreensão de sua utilidade interpretativa, também pode ser moldada uma nova realidade através da projeção da obra. Produtores, roteiristas e diretores que buscam inspirações no mundo internacional não podem enxergar apenas como um modelo em pose para suas câmeras, mas sim um modelo em constante movimento, e que pode basear-se na obra que está ali sendo criada para repensar seu próximo passo. Um filme sobre Relações Internacionais é, ao mesmo tempo, informativo e formativo.

O filme escolhido é mais um exemplo da constante intertextualidade existente entre o cinema e as Relações Internacionais. Apesar da abordagem da análise do presente trabalho basear-se na teoria feminista das RI, há a perceptível presença de diversos conceitos descritos em outras teorias. Filmes que se propõem a abordar temáticas internacionais têm sempre a responsabilidade da retratação da realidade através de uma ideologia, da inserção de novos sentidos simbólicos através de uma crítica, ou até mesmo da junção de ambos. Para o público, tanto acadêmicos quanto o público incluso na tomada de decisão do mundo internacional, filmes que retratam a dinâmica das relações internacionais servem como contraponto a suas crenças e também como afirmação de algumas outras, e dessa forma, não só são influenciados pelo meio em que inspiraram-se, mas também o influenciam. Para o público no geral, não especificamente o público que se dedica a estudar ou encontra-se dentro da lógica da política mundial, filmes com abordagens político-internacionais servem de objeto para a apresentação de conceitos e dinâmicas próprias da área, trazendo para o senso comum debates e reflexões a respeito dos temas que abordam.

Como explicitado no início do capítulo final, não é da vontade da diretora por trás da obra a divulgação do feminismo ou a participação ativa em prol da ideologia. Contudo, foi perceptível após a análise do filme a forma como a figura feminina foi representada, a qual não é a mesma constantemente criticada pelas expoentes do feminismo como teoria. A diretora fugiu da forma tradicional de se fazer cinema quando analisada a posição das mulheres no filme, e por fim, criticou a maneira como mulheres que pretendem obter sucesso em suas carreiras profissionais precisam tornar tal carreira a prioridade única e exclusiva dos

seus esforços. Mas, até que ponto, esse filme apresenta um novo valor simbólico para a sociedade? De que forma influencia nos processos de socialização das mulheres na sociedade?

A crítica presente no filme não se mostra explícita. Apenas uma análise tal qual a feita pelo presente trabalho, munida de conhecimentos a respeito da semiótica e demais conceitos da análise fílmica, bem como de conceitos feministas, pode nos revelar certas características do filme. Contudo, a mais importante parte da crítica se mostra explícita. A solidão de Maya mostra-se clara ao fim do filme, e sua relação quase maternal com a missão também. É evidente para o público que há uma dependência da protagonista para com seu trabalho, e em alguns momentos, com o próprio Osama bin Laden. Entretanto, distancia-se muito da realidade imaginar que o grande público receberá essa mensagem como uma crítica ao posicionamento da mulher nas relações internacionais.

O segundo capítulo nos trás dados que informam a baixa participação das mulheres no exército americano, bem como ideias acadêmicas que tentam justificar tal sub-representatividade feminina em áreas afins à defesa nacional e segurança internacional. Argumentos nele presentes denunciam que a socialização feminina desprepara as mulheres para a proteção, enquanto a socialização masculina pretende, quase involuntariamente, criar nos meninos maior aptidão para proteger. Há também nesse capítulo a exposição de ideias que apontam para processos de masculinização das mulheres que decidem seguir os caminhos militarísticos. Dessa forma, vê-se a importância e a responsabilidade de um filme que pretende representar uma mulher em posição de tomada de decisão em meio a defesa de interesses militares do país que representa, no caso, numa posição de poder dentro da mais importante missão da guerra ao terror estadunidense. A responsabilidade de Kathryn Bigelow, como mulher e cidadã americana, determinada a tratar tal assunto de forma a com ele criar um produto cultural, é, por tanto, explicitado pelas diversas ideias do capítulo citado. Percebe-se que esse é um ponto positivo do filme quando analisado através da ótica feminista, por apresentar diversas críticas que poderiam facilmente terem sido embasadas em argumentos presentes no capítulo citado, principalmente por aquela parte das teóricas que defendem o “*right to fight feminism*”.

Como descrito no capítulo 2, a realidade da mulher nas relações internacionais assemelha-se muito a realidade de Maya. Nesse capítulo, explicitam-se argumentos que denunciam a dificuldade do ingresso da mulher em lógicas militares e políticas de defesa, bem como a necessidade de sua masculinização para que elas obtenham o respeito e sucesso que os homens da área possuem. Desde a socialização como troféus para os soldados, e não os

soldados em si, mulheres encontram inúmeros percalços pelo caminho se nesse incluírem-se ideias que se aproximam de uma lógica militarista. Como visto no filme, Maya não é uma militar de carreira, mas lida diariamente com práticas militares de defesa e segurança. Isso basta para que ela desde a primeira cena seja tratada e vista de forma diferente, mais frágil e maternal, por mais preparada que seja.

Não só com a análise do filme, mas também utilizando conceitos da teoria escolhida, percebe-se que a mulher é marginalizada ao desenvolver sua vida profissional por conta de sua socialização. A criança do sexo feminino não só é distanciada dos processos de criação de um “herói” provedor de segurança, mas também se distancia, conforme cresce, da esfera pública da vida. Com isso, conclui-se que a marginalização do ponto de vista feminino, bem como sua baixa participação na tomada de decisão da política mundial, não é um problema específico das Relações Internacionais, mas sim da sociedade como um todo. A lógica patriarcal presente no âmbito da política mundial é, então, apenas um reflexo do comportamento social vigente nos âmbitos internos das nações. Não se pode esperar que nações construídas sobre conceitos patriarcais que excluem a mulher da tomada de decisão política internamente produzam uma política externa que destoe da realidade que exclui a importância da participação pública do feminino, argumento já defendido pelas ideias expostas no segundo capítulo. Se resumidos, o sistema internacional e toda a política que o rege podem ser visto como a simples interação entre seres humanos, ou seja, em seu cerne, a política mundial não é mais que uma projeção de relações interpessoais. Como uma ciência social, as Relações Internacionais dependem do fator humano para se consolidarem e tomarem forma. Assim, se nas sociedades ao redor do mundo pratica-se a dominação masculina enquanto é subordinada a ela a vida feminina, tal prática será visível e comum também na sociedade internacional.

Desse pensamento extraímos também a lógica hollywoodiana de se fazer cinema e porque se faz da forma que é feito. O patriarcalismo está presente na arte por essa ser também produto das relações interpessoais. Se a arte imita a vida, então, na arte encontraremos padrões sociais de objetificação de corpos femininos e subaproveitamento de seu conhecimento e de sua influência social. Fazer cinema de forma a diferenciar-se dessa parâmetro é arriscar-se a criar um produto que pode não ser consumido ou aceito, simplesmente pelo fato da sociedade não se reconhecer em tal produto. Assim, a indústria cinematográfica hollywoodiana com seu objetivo básico de lucrar sempre repetirá as tendências sociais para criar produtos com recordes de venda. Quando, na sociedade, houver a

demanda por filmes com mulheres independentes e empoderadas, tais filmes serão produzidos aos montes.

Entra aqui, no entanto, o questionamento sobre a capacidade de gerar mudanças sociais encontradas na arte em suas variadas formas, e o seu dever de destoar da sociedade naquilo que pretende modificar. Nesse ponto, a obra “A Hora Mais Escura” pode conter algumas reflexões positivas. A simples decisão de retratar uma mulher trabalhando na mais importante missão de segurança, do mais engajado país na luta antiterrorismo no mundo, representa uma mensagem clara à sociedade de força e competência feminina.

A análise do filme não apresenta, no entanto, um contraponto ao conceito de “masculinidade hegemônica”. Como apresentado no capítulo 2, o conceito de masculinidade hegemônica nos mostra que há a hegemonia de práticas e comportamentos que influenciam para a continuidade da exaltação de práticas costumeiramente masculinas enquanto influencia para a continuidade da subordinação feminina (JESUS, 2014). Também presente no capítulo 2, há o argumento do mesmo autor a respeito da masculinização necessária no processo de ascensão de mulheres quando inclusas em meios tradicionalmente masculinos: “Quando indivíduos do sexo feminino entram em espaços tradicionalmente reservados aos do sexo masculino, os primeiros se colocam dentro do paradigma masculino” (JESUS, 2014, p. 240). Pela análise do filme, vemos que há uma ideia de masculinização de Maya, especificamente percebida na mudança de comportamento frente à violência da tortura, inicialmente motivo de choque, mas que torna-se prática utilizada por ela. Também trata da masculinização e da adaptação de mulheres a realidade masculina Izadora Xavier do Monte, que trata da “rotina masculina” em argumento também explicitado no segundo capítulo. Mesmo com as ideias de masculinização presentes, há ainda no feminismo a ideia do “right to fight”, que defende que mulheres precisam do mesmo direito de acesso a prática militar (DUCANSON, WOODWARD, 2015). Dessa forma, vemos no capítulo 2 mais uma base para a análise feita no capítulo 3, o que demonstra mais uma vez a relação da realidade com a abordagem feita por Bigelow. Assim, o filme prova-se um produto cultural de extrema relevância para o estudo das RI.

Voltando-se ao público específico que busca no filme conceitos de Relações Internacionais, é perceptível no filme a presença de uma carga realista muito maior do que a feminista. Desde a sinopse isso fica claro: uma missão que representa o uso da força do Estado, com a finalidade de destruir seu inimigo e garantir sua segurança através do poder militar. Obviamente, não só uma teoria pode ser encontrada na pluralidade de fatores tais quais o roteiro, direção e atuação de um filme, mas encontra-se predominante no enredo da

projeção. O filme pode nos entregar as várias formas de se enxergar as relações internacionais caso essas sejam buscadas pelo espectador. A própria crítica feminista detectada após a análise do presente trabalho pode ser confundida com uma forma construtivista de busca de sentido nos processos, se assim desejar o analista, e se escolhida outra teoria a ser aplicada para a análise que não o feminismo.

Conclui-se, então, que o filme possui uma grande valorização na busca por novos sentidos simbólicos, se se procura tais simbolismos. De qualquer forma, o filme representa sim uma ruptura com a prática tradicional de se fazer cinema através da forma alternativa em que desenvolve seus personagens femininos. Por outro lado, é um filme demasiadamente plural e pode, com a lente teórica correta, ser enxergado de maneiras muito diferentes. Para o feminismo como teoria independente, o filme supre as vontades de se ver algo diferente sendo produzido em Hollywood, mas para o feminismo das Relações Internacionais, é mais um filme de exaltação ao poder militar e às estratégias de inteligência, que dessa vez utilizou-se de uma mulher para se fazer real. Bigelow é a primeira mulher a vencer o Oscar de melhor direção na história, mas não é uma mulher que emplaca no mundo do cinema um filme que retrate a política mundial através de uma construção feminista que esteja de acordo com as premissas da ideologia.

REFERÊNCIAS

A HORA mais escura. Direção: Kathryn Bigelow. Los Angeles: *Annapurna Pictures*, 2012. 1 DVD (157 min).

BHATTACHARYYA, Gargi. *Dangerous Brown Men: Exploiting Sex, Violence and Feminism in the War on Terror*. Londres: Zed Books, 2008.

BECKMAN, Peter R; DAMICO, Francine. *Women, Gender, and World Politics Perspectives, Policies, and Prospects*. Westport: Greenwood publishing group, 1994.

BENOIT, Lelita Oliveira. Feminismo, gênero e revolução. *Crítica Marxista*, São Paulo, n. 11, 2000.

BLANCHARD, Eric M. *Gender, International Relations, and the Development of Feminist Security Theory*. Los Angeles: SIGNS, University of Southern California. Verão 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995.

BUSKIE, Alexandra. *How Significant is Feminism Contribution to IR?*. Londres: E-International Relations Students, 2013. Disponível em: <<http://www.e-ir.info/2013/03/17/how-significant-is-the-contribution-of-feminism-to-ir/>>, Acesso em: 3 abr. 2016

CNN. By the Numbers: women in the U.S. military. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2013/01/24/us/military-women-glance/>>. Acesso em 10 out. 2016.

COLE, Susan G. Kathryn Bigelow, the absentee feminist. Toronto, *Now Toronto*. Disponível em: <<https://nowtoronto.com/news/kathryn-bigelow-the-absentee-feminist/>>. Acesso em: 10 set. 2016.

DARGIS, Mahnola. How Oscar Found Ms. Right. Nova Iorque, *The New York Times*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/03/14/movies/14dargis.html?_r=1>. Acesso em: 10 set. 2016.

THORBURN, Diana. Feminism meets International Relations. *The SAIS Review Of International Relations*. Baltimore, v. 20, n. 2, p. 1-10, verão-outono, 2000.

DUCANSON, Claire e WOODWARD, Rachel. Regendering the military: Theorizing women's military participation. Londres, *Security Dialogue*, vol. 47, n. 1, p. 3-21. 2016.

ENLOE, Cynthia. *The Curious Feminist Searching for Women in a New Age of Empire*. Berkley; Los Angeles: University of California Press, 2004.

GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, RMG; GOMES, MHA. *O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

GRANT, Rebecca; NEWLAND, Katherine. *Gender and International Relations*. Indiana: Indiana University Press, 2005.

GRIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, vol. 10, jan./mar. 2005.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Mundo macho: homens, masculinidades e relações internacionais. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte, n. 109, p. 309 - 364 jul/dez. 2014.

MCNARY, Dave. Jessica Chastain, Queen Latifah and More Launch Female-Empowerment Production Company. Los Angeles, *Variety*, Disponível em: <<http://variety.com/2016/film/news/jessica-chastain-queen-latifah-female-empowerment-production-company-1201714218/>>. Acesso em: 10 set. 2016.

MENDES, Marina Macêdo. *Gênero e relações internacionais: a inserção da mulher na esfera política e na carreira diplomática brasileira*. 2011. 45 f., Monografia (Especialização em Relações Internacionais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MONTE, Izadora Xavier do. Gênero e Relações Internacionais: Uma crítica ao Discurso Tradicional de Segurança. Brasília: *Universidade de Brasília*. 2010.

O'REILLY, Andrea. *Feminst Mothering*. Nova Iorque: State University of New York, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em <<http://data.un.org>> Acesso em: 10 out. 2016.

PERES, Andréa Carolina Schvartz. *Campos de estupro: as mulheres e a guerra na Bósnia*. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 37, jul./dez. 2011.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, vol. 18, n. 36, p. 15-23. jun. 2010.

RUIZ, Tricia. *Feminist Theory and International Relations: The feminist challenge to realism and liberalism*; Londres: Soundings Journal, 2005.

SANTOS, Claudia. Leitura de gênero sobre os estudos de segurança internacional. *Conjuntura Global*. Curitiba, vol. 4, n. 2, p. 171-184, mai./ago. 2015.

SARDENBERG, Cecília M. B. *Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista*. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 121-149, jan./jun. 2003.

THORBURN, Diana. Feminism meets international relations; *SAIS Review*, Washington, vol. 20, n. 2, verão-outono. 2000.

TICKNER, J. Ann. *Gendering World Politics*. Nova Iorque: Columbia University Press; 2001.

TIERNEY JR., John J. Samuel P. Huntington and the American Military Tradition. *Political Science Reviewer*. Virginia: outono, 1978.

YOUNG, Iris Marion. The Logic of Masculinist Protection: Reflection on the Current Security State. *The University of Chicago Press*, Chicago, v. 29, n. 1, p. 1-25, outono 2003.

WILLEY, Marilyn. *A Critique of Postmodern Feminism: The Theoretical, Pedagogical, and Real-World Limitations of Liberation from Essence Ideology*. Wellesley: Wellesley College Digital Scholarship and Archive Honors Thesis Collection, 2014.